



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ

FRANCIMARY TELES ALHO

**AS DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE SOBRE GÊNERO
E SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Acará – Pará
Dezembro de 2019

FRANCIMARY TELES ALHO

**AS DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo.

Acará – Pará
Dezembro de 2019

FRANCIMARY TELES ALHO

**AS DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Data da Aprovação: 26/12/2019

Conceito: **Excelente**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo.
Orientador – UFPA

Esp. Lindalva Ferreira Costa
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os educadores que fizeram parte da minha jornada em especial a minha família que me ensina e apoia por todos esses anos. Minha filha Odeth, fonte do meu amor e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter iluminado cada passo dado na minha vida. Por abençoar cada escolha e conquista, agradeço por tudo que até aqui me proporcionou. Pois tudo é feito com sua permissão;

Agradeço a minha mãe Maria Nadir Vanda Martins Teles, por todo o apoio e incentivo até hoje, por tudo o que me ensinou e por ser um exemplo de mulher vencedora, pelas palavras quando pensei em desistir e você não permitiu. Obrigada por ser e estar presente e fazer parte dessa conquista. Ao meu pai Franciney Progenio Alho, sempre presente em minha vida, nas conquistas e felicidades;

Agradeço aos meus irmãos Franciney e Francênio que de longe estão torcendo e orgulhosos da irmã com nível superior na família. Agradeço a minha irmã Francielen, pelas vezes que cuidou da minha filha enquanto eu estava ausente por conta dos estudos;

Agradeço a minha filha e base Odeth Rafaelly Alho Reis, sei que não foram fáceis esses quatro anos e meio às vezes ir dormir ou acordar sem me ver. Amo-te e essa vitória é nossa minha princesa;

Agradeço ao meu noivo Adimilson Carneiro Ferreira, sua paciência e seus incentivos fortaleceram nossa união. Obrigada amor. Minha sobrinha Flávya, que é uma das minhas inspirações e motivação;

A minha equipe de trabalho “fênix”, composto por Valdilene, Cirlene, Ediane e Monique nos fortalecemos e viramos uma só família, não esquecendo o Odair que por várias vezes cozinhou e nos ajudou contribuindo nos trabalhos, seus filhos Vitor (meu compadre) e Vinícius que conviveram com nossas bagunças e brigas;

Agradeço aos meus amigos da turma de Pedagogia 2015, que por tanto tempo brigamos e terminamos amigos, em especial ao meu amigo Felli de Paiva o cara que não desistiu e acreditou em mim, quando nem eu acreditava mais;

Agradeço a Regiane Meneses pela amizade e confia que por muito tempo não suportava ficar ao meu lado. Aos funcionários do polo Acará que contribuíram e fizeram parte dessa conquista;

Agradeço ao meu orientador Falabelo, suas orientações, paciência e ensinamentos me trouxeram até aqui;

Chico e Zezinho, obrigada pelo café de todas as manhãs e pela amizade. Eliane Cardias, Rosana Soares, Ediane Cardias obrigada pela força e entenderem o meu afastamento;

Minha amiga Michele (in memorie), você só me deu os melhores conselhos enquanto estive presente em minha vida, Minha eterna loira;

Agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram com essa formação.
Obrigada!

“o pensamento pedagógico se constrói em dialogo com a infância. Esta traz à pedagogia as interações sobre as quais é obrigada a refletir para repensar suas verdades”.

(Miguel G. Arroyo, 2008)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC discorre sobre o tema “As Dificuldades da Prática Docente sobre Gênero e Sexualidade na Escola”. Tendo como objetivo principal analisar como os docentes da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria Antônia de Paiva que está situada no município de Acará na rua Luiz Miranda, número 629, com Travessa Ernesto Geisel, Bairro Cacoal no município de Acará. A escola vem trabalhando com a temática gênero e sexualidade, na busca de identificar o porquê desse tema não fazer parte da prática pedagógica dos professores da escola acima mencionada. A proposta é que o tema em discussão passa fazer parte do cotidiano da escola. Foi através de um levantamento bibliográfico e em seguida ouvindo alguns educadores que foi possível fazer a coleta de dados realizado meio de entrevistas, assim como observando o cotidiano da escola. Foi uma pesquisa de natureza empírica e bibliográfica, que incorporou além de referenciais teóricos relativos ao tema, observações das práticas dos docentes em sala de aula bem como a relação entre os educadores e os educandos. O trabalho está organizado em cinco seções onde se aborda o tema em discussão. Como resultados alcançados podemos afirmar que a escola em questão ainda está muito distante da discussão sobre gênero e sexualidade que possa de fato, ajudar as crianças a construir uma identidade sexual. Os preceitos religiosos ainda são muito fortes na vida e nas práticas dos professores, o que leva a uma prática conservadora cheia de tabus quando se trata da sexualidade. Este trabalho está fundamentado com a colaboração de alguns autores como: Falabelo (2005), Felipe (2007, 2012), Filha (2012), Frison (2008), Moreira (2003) entre outros.

Palavras chaves: Prática Docente – Gênero - Sexualidade

ABSTRACT

The present Course Conclusion Paper - TCC discusses the theme “The Difficulties of Teaching Practice on Gender and Sexuality in School”. Having as main objective to analyze how the teachers of the Municipal School of Early Childhood Education and Elementary School Professor Maria Antônia de Paiva which is located in the municipality of Acará at Rua Luiz Miranda, number 629, with Travessa Ernesto Geisel, Bairro Cacoal in the municipality of Acará. The school has been working with the theme gender and sexuality, seeking to identify why this theme is not part of the pedagogical practice of the teachers of the school mentioned above. The proposal is that the topic under discussion becomes part of the school's daily life. It was through a bibliographic survey and then listening to some educators that it was possible to make the data collection performed through interviews, as well as observing the daily life of the school. It was a research of empirical and bibliographical nature, which incorporated besides theoretical references related to the subject, observations of the practices of teachers in the classroom as well as the relationship between the educators and the students. The work is organized in five sections where the topic under discussion is addressed. As results we can say that the school in question is still far from the discussion about gender and sexuality that can actually help children build a sexual identity. Religious precepts are still very strong in teachers' lives and practices, which leads to a conservative taboo practice when it comes to sexuality. This work is based on the collaboration of some authors such as: Falabelo (2005), Felipe (2007, 2012), Daughter (2012), Frison (2008), Moreira (2003) among others.

Keywords: Teaching Practice - Gender - Sexuality

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

EJA - Educação de Jovens e Adultos

GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

FNDE - Fundo Nacional do Desenvolvimento da educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TNT - Tecido Não Tecido

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA	14
2.1	A discussão sobre Gênero na Escola	14
2.2	A Sexualidade e sua trajetória	17
2.3	Gênero e Sexualidade na Escola: desafios a serem enfrentados	19
2.4	Orientação sexual	20
3	FUNDAMENTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	25
3.1	Procedimentos Metodológicos	27
3.2	Explicando o cotidiano do levantamento de dados: uma etnografia do dia a dia.....	31
4	AS DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	43
4.1	Conhecendo a escola <i>locus</i> da pesquisa	43
4.2	As percepções dos profissionais	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	53

1INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é parte inicial de uma pesquisa de campo referente ao Curso de Pedagogia de alunos da Universidade Federal do Pará – UFPA, intitulado “**As dificuldades da prática docente sobre gênero e sexualidade na escola**”, este encerra minhas tarefas acadêmicas junto a esta instituição de ensino. Dessa forma, a escola em sua prática pedagógica e na organização de seus conteúdos programáticos, vem privilegiando o trabalho didático e pedagógico que explora a dimensão cognitiva, supervalorizado apenas esse aspecto. Devido à ciência moderna, com base no paradigma positivista, impor uma visão de mundo centrada no reducionismo da primazia da razão como princípio de compreensão da vida material e humana (SANTOS, 2010), a escola não imune às influências desse paradigma, fez com que a prática pedagógica passasse a privilegiar, de forma praticamente unilateral, os aspectos cognitivos na formação da criança.

Nesse sentido, a formação integral de uma subjetividade plena parece ser negligenciada. Essa formação plena deveria ser trabalhada, pela prática escolar, em sua indissociabilidade, nos diversos aspectos que constituem a idade da criança, ou seja, os aspectos cognitivos, emocionais, afetivos e a sexualidade, como constituintes de uma só unidade psíquica. Falabelo (2005) chama a atenção para o fato de que a vida psíquica possui uma especificidade histórico-cultural, sendo assim, os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos, assim como a dimensão da sexualidade, não podem ser vistos de forma dissociada. Dessa forma, entendemos que a prática escolar não pode trabalhar a sexualidade, a cognição e os afetos separadamente, mas os conteúdos programáticos precisam e devem explorar e trabalhar com a criança em vista a constituição de sua subjetividade plena.

Trabalhar com o tema da constituição da criança em sua individualidade, envolve pensá-la não apenas como sujeito de cognição, como se a mesma fosse um objeto assexuado, mas pensá-la na dimensão integral: compreender a vida sexual, implica fazer uso dos recursos cognitivos, da auto regulação dos componentes emocionais e afetivos e isso precisa ser perseguido pela escola em sua prática formativa. Devido à precária aplicação das diretrizes curriculares, sobre como pensar e trabalhar a criança a partir de uma perspectiva plena, de totalidade, contidos na escola, e das condições inaceitáveis em que os docentes enfrentam como a falta de uma formação continuada para as educadoras e educadores, que possam trabalhar com mais eficiência essa temática, que deverá ser um assunto abordado em todos os

anos do ensino fundamental em diante, devido se tratar de um tema transversal e fundamental à formação integral da criança.

De acordo com os movimentos sociais organizados essa temática é considerada importante para o desenvolvimento da inclusão e da diversidade, em sua indissociabilidade de todos os aspectos formativos da criança. Devido esses esforços fez surgir a criação de muitos projetos e programas buscando explorar a Diversidade formativa da criança numa perspectiva de educação integral, valorizando todos os aspectos a serem desenvolvidos: cognição, emoção, afetos e educação sexual, valorizando a diferença e, ao mesmo tempo, a igualdade nas escolas. Nas escolas do município de Acará, o debate sobre gênero e sexualidade não tem sido feito, por isso, nos propomos a pesquisar as razões pela qual a referida temática no currículo da escola no referido município.

Diante da constatação daquilo que parece ser a preocupação da escola em uma formação da criança que privilegia o cognitivismo, justifica-se a necessidade de se desenvolver estudos para a apreensão de uma possível perspectiva integradora que esteja presente na prática didático-pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. Conversando com alguns professores sobre a temática gênero e sexualidade, percebi a importância de se pesquisar e compreender porque o assunto não está sendo desenvolvido pelos docentes e alunos do município de Acará.

Assim, além de sua relevância acadêmica, no sentido de produzir conhecimentos sobre uma temática, percebemos a importância social que ela tem para formação das crianças e adolescente em nosso município. Nesse sentido a pesquisa vai servir para além das questões acadêmico-sociais, para minha formação pessoal, enquanto professora da educação básica do município. É nesse sentido que devido a carência que vivência a escola pública do município, levou-me como formanda de pedagogia, estudar a respeito dessa temática. Dessa forma, contribuindo para minha formação como docente e, principalmente, para democratização da discussão de temáticas voltadas a sexualidade, gênero e diversidade no município do Acará.

Para materialização do estudo, levantei algumas questões para nortear a pesquisa, tais como: de que forma a prática didático-pedagógica escolar incorpora uma concepção de formação integral da criança, buscando desenvolver os aspectos cognitivos, sócio afetivos e a compreensão de gênero e sexualidade? As formas que os conteúdos são trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental permitem uma formação integrada numa perspectiva de uma vida em sociedade diversificada, multicultural? E quais são as práticas que contemplam a formação da singularidade/individualidade/subjetividade da criança que contempla a

diferença, a diversidade, o respeito, a tolerância, a convivência com o outro/outros/outra/outras?

Além dessas questões, levanto como objetivo principal da pesquisa: Analisar como os docentes da escola pública do município de Acará estão trabalhando com o tema gênero e sexualidade na escola. Busco com isso, identificar porque a discussão sobre gênero e sexualidade não fazem parte da prática pedagógica dos professores da educação básica do deste município, além de apontar as dificuldades encontradas para incluir essas temáticas no currículo. Metodologicamente, fizemos, primeiramente, um levantamento bibliográfico sobre a temática e posteriormente, ouvimos professores. Por isso resolvi estudar esse assunto devido grandes discussões que tem provocado no campo da educação, sem contar que é um assunto que está em evidência e que busca uma abordagem, para ser trabalhada de diferentes maneiras e faixas etárias sem “pesar” o que o professor vai abordar.

O trabalho está organizado em cinco seções. A primeira é a introdução, apresento o objetivo, o tipo de pesquisa, a metodologia utilizada, assim como explico, a estrutura do trabalho. Na segunda seção, abordo as questões de gênero e sexualidade na escola. Procuro mostrar a partir de estudiosos e pesquisadores da temática, como essa questão tem sido vistas na escola. A seção se divide em três subseções: A discussão sobre Gênero na Escola, A Sexualidade e sua trajetória, Gênero e Sexualidade na Escola: desafios a serem enfrentados.

A terceira seção, por sua vez, apresenta os fundamentos conceituais e metodológicos da pesquisa, assim como o caminho percorrido. Ele apresenta duas subseções: Procedimentos Metodológicos, Explicando o cotidiano do levantamento de dados: uma etnografia do dia a dia. A quarta seção, intitulada “As dificuldades da prática docente sobre gênero e sexualidade na escola” apresenta os dados coletados a partir das entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Ela também apresenta duas subseções: Conhecendo a escola *lócus* da pesquisa, As percepções dos profissionais. Como quinta e última seção apresentamos nossas considerações finais e logo em seguida as referências que usamos na pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

2.1 A discussão sobre Gênero na Escola

Falar sobre gênero e sexualidade implica em quebrar determinados tabus e preconceitos no qual a sociedade de hoje se encontra, como uma sociedade conservadora, vem ao longo dos anos estabelecendo certos padrões, por isso determinadas lutas tiveram que ser travadas para se tentar quebrar esses preconceitos. Contextualizar os termos gênero e sexualidade é nosso propósito a fim de que possamos compreender o percurso histórico-cultural da discussão sobre gênero e sexualidade. Esta seção tem como finalidade discutir sobre gênero e sexualidade na escola, o que servirá de referencial teórico sobre nossa temática em questão. Para um melhor entendimento achamos por bem dividir em três subseções.

A partir das contribuições de Louro (1997), para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres em uma sociedade é importante analisar não extremamente os sexos, mas o que foi construído sobre os sexos no qual o debate dos gêneros será um conceito “fundamentalmente social” desvincular o “conceito de que gênero se constitui sobre corpos sexuados”. Mas que pontuar a “construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 21). Essas trajetórias não nos vinculam, pois focaliza em vincular o debate em relação à desigualdade que prevalece em homens e mulheres, no que é visível no espaço e nas relações que estão em reprodução.

Segundo Louro (1997), com o início do movimento feminista no Brasil, no final dos anos 80, ficou nítido a forte presença no conceito sobre gênero nas mídias, livros e em contexto marcantes que utilizam o termo mulher e homem por gênero, uma vez constituído no processo biológico. Sendo que isso ocorreu nos anos 80, mas que no final dos anos 70, as feministas Anglo-saxãs já faziam essas distinções do termo “sexo” para ressaltar o biológico que ao pensar, debater e problematizar essas questões que são termos distintos.

Gênero, se organiza de maneira social, logo se caracteriza na construção histórica que entende-se a partir de outras categorias sociais, dessa maneira o termo gênero entrou no Brasil sem tantas movimentações no início, mais tarde foi tomando força pelas feministas que buscaram usar o termo com mais intensidade. Atribuições essas, que não deve ser feita ao feminino, masculino ou padrões e regras pré-estabelecidas pela sociedade. Para Louro:

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outros conceitos complexos que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade numa

aproximação às formulações mais críticas dos ESTUDOS FEMINISTAS e dos estudos culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidade plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditório. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos-éticos, sexuais, de classe, de gênero, etc. (LOURO, 1997, p. 24).

A concepção de gênero reforça a ideia de que os sujeitos não são únicos e iguais e que, logo, a compreensão das relações desiguais requer analisar as articulações de gênero dos grupos sociais a que foi mencionada, o conceito de gênero está na construção de relações sociais e que não são definitivamente pronta e acabada. Os preceitos de homens e mulheres no interior de uma sociedade desencadeia o processo de relação e construção. Para Louro (1997), é interessante desconstruir o posicionamento imposto de masculino-feminino, para que se tenha um avanço nas relações de gênero. Desmistificar, que cada um tem sua pluralidade e que é dividido, é importante ressaltar que em grande parte dos discursos sobre gênero é incluído as questões de sexualidade, pois na prática social é bem visível a comparação de identidade de gênero a identidades sexuais. Meyer (2001), citado por Ferreira (2015) diz:

O conceito de gênero também se refere mais ao estudo da mulher, ele é um conceito que procura enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando dessa forma o determinismo biológico e econômico vigente até então, em algumas das teorizações anteriores. (p.40).

A distinção entre gênero e sexualidade que os estudiosos (as), como:

A categoria “gênero” foi criada pelas feministas nos anos 1970 e passou a ser usada justamente para explicitar esta disjunção entre o sexo biológico e as tarefas/importância que lhes são atribuídas, de forma variada e arbitrária, segundo as vestimentas culturais. Utilizada de forma eficaz em um primeiro momento, gênero, entretanto, passou a ser incorporado na linguagem acadêmica ou comum, como sinônimo apenas de “mulher”, ou no melhor dos casos como uma construção “relacional” que diz respeito a mulheres e homens. (SWAIN, 2009, p.126).

O gênero é uma categoria para além do biológico, sendo assim os sujeitos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais e transexuais independentes do sexo biológico, não há uma forma certa de crescer e sim uma escolha de cada indivíduo. O que sempre aparecerá entre os dois, é que o gênero e sexualidade seguem etapas para a construção de suas identidades, assim como o ciclo natural onde nasce, cresce e amadurece. As identidades sexuais estão em repleto desenvolvimento, pois cada passo uma descoberta mesmo a mais normativa está em constante transformação e construção que pode ser contraditória e finalizada, essas relações são interligadas à relação social de poder. Furlani enfatiza que:

O final do século XX mostrou as contribuições de inúmeros movimentos sociais [entre eles o feminismo, os movimentos de gays e lésbicas, os movimentos de negros (as)], que não apenas tornaram explícitas suas diferenças identitárias, mas mostraram o caráter construído da normalidade e contestaram o caráter hegemônico

da identidade padrão (o sujeito homem, branco, ocidental, rico, heterossexual cristão, adulto) (FURLANI, 2009, p. 41).

Logo, as identidades sexuais desde muito cedo foram marcadas por uma ação distintiva, através de diversos comportamentos sexuais de diferentes maneiras e padrões estereotipados forçando a desigualdade social, graças a isso, os indivíduos que são diferentes dos padrões precisaram unir-se para conquistar o seu espaço também e mesmo hoje tendo diversos avanços, ainda vemos notícias de violências físicas e psicológicas contra esses sujeitos, o que demonstra que ainda falta muito para uma sociedade mais igualitária.

Faz-se necessário que as identidades sexuais sejam vistas como uma construção social, contudo, essa é uma visão que ainda é muito vista como uma anormalidade segundo (FURLANI, 2009, p. 143) que cita (LOURO 1997), “para entender sobre o conceito de gênero e da construção das relações sociais diz que gênero, é sim uma forma de dar significado a relações de poder, é um meio pelo qual nos conectamos, expressamos”. É necessário uma reciprocidade social e política na constituição de gênero, o que explica as desigualdades que presenciamos hoje, que vão além de termos biológicos, como a autora (FURLANI, p 143) reforça “não nas diferenças biológicas (...) mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de apresentação”.

Para desconstruir um tabu criado e assistido por um modelo único estabelecido pela sociedade a autora Furlani (2009), destaca heteronormatividade como um processo que a sociedade tradicional almeja um modelo a ser seguido como se fosse o padrão, o normal que deve ser imposto como regra, um relacionamento heterossexual ainda é evidenciado e destacado pela sociedade como um modelo único. Os movimentos estão unindo forças para que essa identidade padrão e desigual se desconstrua para que depois reconstrua pelas diversidades culturais de gênero, pois o social não se remete apenas em homem e mulher e sim, na construção de identidades dos sujeitos.

Segundo Frison (2008), refletir sobre gênero em uma época de transformação de valores como a atual, é bastante difícil. E ainda encontrar nas famílias, escolas ou em pessoas cujo, as indagações diferem totalmente acerca dos assuntos ligados à manifestação de gênero e sexualidade. Trazer o assunto para a discussão constitui em um grande desafio para os que almejam debater sobre o assunto. De acordo com a autora (FRISON, p.3) o assunto gênero e sexualidade “vêm sendo divulgado abertamente pelos meios de comunicação, através de propagandas, outdoor, programas infantis, programas de auditório, filmes, novelas masculinas e femininas”. Os meios midiáticos são os principais mentores de formação desses sujeitos,

que são os meios de comunicação e transmitem as várias informações condizentes com o assunto ou não, com isso as crianças já estabelecem uma relação e construção de sujeito.

Os conceitos de gênero e sexualidade infantil são bem próximos, culturalmente construídos, carregados pela historicidade e pelo caráter provisório dos ambientes sociais que marcam os corpos dos adultos e das crianças, expressam-se nas suas vidas e práticas individuais e atingem igualmente as instituições, as normas e os arranjos das sociedades (SCHINDHELM e EVANGELISTA 2013, p. 135).

A questão da qual tratam os autores não apenas pelas características culturais onde são construídas, mas também pelo meio particular que cada indivíduo a assimila através de tradições sociais.

2.2 A Sexualidade e sua trajetória

Alguns percursos que obtiveram crescimento acerca do assunto sexualidade que atualmente permeiam na sociedade, principalmente pelo fato das relações estarem sendo mais diversificadas do que antigamente como novas estruturas familiares, novos tipos de relacionamentos que fogem do padrão tradicional, temos a mídia apresentando sujeitos com gêneros diferentes, enfim, atualmente as instituições de ensino precisam estar aptas a levantarem discussões, sanarem dúvidas dos alunos e de seus pais, a fim de que os jovens possam compreender da melhor forma a diversidade que o Brasil hoje vive, e assim termos uma sociedade mais humana com lutas traçadas que não são de hoje, e, sim por décadas.

Segundo Louro (1997), na passagem do século XIX, as manifestações e lutas contra discriminação que imperava sobre o feminismo, ganhavam oportunidades e expressividade no chamado “sufragismo”, que é o movimento voltado para expandir o direito do voto às mulheres por todos os países ocidentais. O sufragismo ficou marcado como a “primeira onda” do feminismo. Mas que teve uma pausa no decorrer dos anos nas movimentações, pois os objetivos mais imediatos que cresciam eram os interesses das mulheres brancas e de classes médias, que era focar na organização da família, oportunidade de estudo ou às profissões, mas devido certos países não levarem a frente, foi tendo acomodação no movimento.

De acordo com Louro (1997), no final da década de 1960 deu-se a “segunda onda” que o feminismo volta a contrapor além de debater os sociais e políticos, irá se voltar para as construções teóricas. Então nessa época travou-se um debate entre estudiosos e militantes aos críticos e críticas, para que problematize os conceitos de gênero. Ao referir-se ao ano de 1968, logo, vem em mente o ano da rebeldia e constatação que assinala as manifestações coletivas e

insatisfação que já pendura há alguns anos na França, Estados Unidos, Inglaterra, diferentes grupos que expressam a insatisfação. Esses grupos eram compostos por intelectuais, negros, mulheres, jovens e outros que lutavam contra arranjos sociais e políticos, ao vago formalismo acadêmico, à discriminação, à “segregação” e ao silenciamento.

No ano de 1968, compreende-se que foi um ano marcado por um processo maior de movimentos específicos e outros eventuais, é nesse contexto social e político que faremos referências de transformações que o movimento feminista ressurgiu, ou seja, não apenas em manifestações, grupos para conscientizar a sociedade ou marchas e protestos, mas em aparições em jornais, livros, obras, entre outros que podemos exemplificar desse ano decorrente que são um marco no movimento. Segundo Louro (1997) as feministas trazem ao espaço acadêmico o estudo da mulher, que por anos tendem a tornar público lutas e enfrentamentos para que fossem visíveis suas conquistas, é importante notar os discursos, de que cada espaço recebe uma nomenclatura, sobre o que é espaço masculino e o que é espaço feminino. Com as conquistas compreende-se certo rompimento por algumas mulheres, que se desdobram em trabalhos condizentes.

De acordo com Louro (2009) Todas as lutas e marco histórico não devem ter como compreensão um simples “agito” cultural, com todo esse giro ainda tem-se a acrescentar muitos outros como o movimento negro que constitui como “política de identidades” que é um movimento que evidencia grupos historicamente subordinados, que antes das lutas não teriam vez e voz como as mulheres, jovens, negros, gays, lésbicas. Os chamados “minorias”, não pelo fato de quantidade e sim de grupos que buscam ter direito a própria voz e não os grupos dominantes falarem por eles descritos e disciplinados.

Para conceituar melhor essa fase farei uso das contribuições de Louro (2009) diz que; “Para o campo das sexualidades, agora não se ouviria mais as vozes tradicionalmente da Ciência e da Religião, ou homens brancos heterossexuais de classe média” com permissão do que deve ou não ser feito, a partir dessas lutas começou a evidenciar suas experiências, práticas de trabalhos, projetos, sonhos e ambições. É através da voz e vez que a sexualidade ganha veracidade e visibilidade, assim como outros temas se multiplicam e se diversificam, tudo torna certas e deixam de serem únicas, estáveis, seguras, infalíveis, formas essas de ver e viver a vida, por mais desafiador que seja, é com essa diversidade cultural que a sociedade tem que lidar.

Segundo Louro (2009) a história da sexualidade contemporânea é indispensável, pois retrata não só as lutas, mas o registro de doença uma que se destacou mais foi a chamada Aids apresentada inicialmente como o “câncer gay”, a doença teve um ligeiro efeito renovar a

homofobia na sociedade, tendo como aumento à discriminação, intolerância, o desprezo e a exclusão dos sujeitos homossexuais em alguns setores sociais e pela ação da militância dos grupos organizados, mostrando-se intensos. O avanço da doença trouxe para outros grupos um ponto denominado de positivo, uma vez que provocou o aparecimento de redes de solidariedade, com isso obtiveram novas alianças estruturadas, não por identidades, mas por sentimentos de afinidade que uni tanto os homossexuais e os não homossexuais que contraíram doença, quanto os familiares, amigos, trabalhadores, trabalhadoras da área da saúde e outras pessoas.

No contexto da sociedade brasileira ainda sobre a concepção da autora, a Aids trouxe uma ampla discussão a respeito e particularmente sobre a sexualidade, devido a atuação da doença e sua associação direcionada a homossexualidade que denota esse preceito como algo que “pega” intitulado a homossexualidade como uma espécie de epidemia uma doença que levará outras pessoas para o mesmo caminho, fugindo do respectivo “padrão” exigido da sociedade. Por muitos anos se pensava dessa maneira, a homofobia mostrava-se não está preparada para a proporção que se tornava o desejo homossexual.

2.3 Gênero e Sexualidade na Escola: desafios a serem enfrentados

A escola é um dos ambientes onde se encontram várias propostas de programas que se desenvolvem e compreendem-se como necessárias, importantes e bom para as crianças. Para as autoras (SCHINDHELM e EVANGELISTA. 2013, p, 132) “a escola reitera a ideia de submissão da cultura infantil à cultura do adulto”. A educação infantil almeja despertar o prazer de explorar, conhecer e enriquecer as experiências e os saberes das crianças, defendendo novas descobertas. Imaginária seria se estivesse incluída a sexualidade, os modos de contato, os usos dos corpos e discursos que ainda envolvem visões, crenças, tabus, valores e preconceitos, originário de uma cultura.

A cultura é originária de uma cultura herdeira do período vitoriano, que encerrou cuidadosamente a sexualidade mudando-a para o ambiente privado até obter o silenciamento. Esse patrimônio histórico e sociocultural, oriundo de uma ideologia moral permeada pelo puritanismo, ainda hoje se detecta essa experiência relativa ao gênero e à sexualidade infantil, falar de sexualidade na escola é um assunto que necessita de cautela para se trabalhar neste ambiente. A sexualidade está dentro e fora da escola, em todos os ambientes e práticas, onde os sujeitos exercem a sexualidade de várias maneiras, desejos, prazeres corporais e formas a serem desvendados e a florados.

Segundo Louro (2009) o conceito de sexualidade é descrever as formas como os sujeitos vem se entrelaçando, e seus desejos e prazeres afloram no decorrer da descoberta de cada indivíduo. Os sujeitos podem identificar-se culturalmente por determinados comportamentos, impulsionados e aprendidos no meio cultural, que nesse contexto são considerados normas por seguir a cultura. Dessa forma sua identidade constitui-se por meios de saberes que interligam o meio social, logo, esses preceitos interligam as crenças, fantasias e desejos; atribui-se no contexto biológico, por isso gênero interliga a sexualidade por estabelecerem ao âmbito da história e da cultura, essa inter-relação que confunde o pensar gênero e sexualidade como mesma coisa, pois a frequência de linguagem e prática é grande e notável, que fique claro que não é a mesma coisa.

Iniciamos esse histórico a partir de um primeiro entendimento que segundo Louro (1997), perpassa na história do movimento feminista e contemporâneo, movimento esse que ficou marcado por lutas e enfrentamentos por parte das mulheres que reivindicavam direitos em manifestação, contra a discriminação, ganhando visibilidade na sociedade que percorre por vários países. Mas que ainda os resultados eram de maneiras desiguais. Para (LOURO. p, 32) “na segunda metade dos anos de 1980, a sexualidade no Brasil teve mais envolvimento e aparecimento em várias instâncias sociais inclusive nas escolas” a escola é um dos ambientes onde o contato entre os indivíduos é direto.

Para Felipe (2007), em tempos históricos observou-se que a sexualidade sempre esteve em lócus, ligado e por tanto tempo regulados. Foucault na “história da sexualidade” aponta que no século XVIII, o sexo desperta uma espécie de erotismo. No ano de 1996, a sexualidade ganha visibilidade no Brasil, passando a constar no currículo como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs. Tornando público devido ao alto índice de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, sendo os mais afetados, os jovens entre 10 e 14 anos.

2.4 Orientação sexual

No final da década de 1990 no Brasil, ocorreu no campo educacional a presença constante e a utilização de uma nova nomenclatura para indicar o trabalho e discussão da sexualidade na escola. Para Furlani (2009) a educação sexual não foi, apenas, suprida pela nova nomenclatura orientação sexual por educadores e educadoras, mas compõe um caráter obrigatório e institucionalizado com o lançamento nos PCNs, essa substituição ocorreu no documento oficial do Ministério da Educação no ano de 1997. Continham temáticas

consideradas importantes na educação da criança foram aglomeradas nos chamados temas transversais que consiste nos estudos de ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, estudos econômicos e orientação sexual. Brasil (2000), citado por Figueiró:

O trabalho de Orientação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação (FIGUEIRÓ, 2009, p.102).

Tornou-se importante trabalhar essa temática sobre a orientação sexual, levando-se em consideração sua faixa etária e o método que será abordado nas instituições escolares. O diálogo é necessário para relação entre família e escola, havendo uma breve discussão sobre essa inclusão no conteúdo. Para assim, não haver conflitos, quando a escola repassar para seus alunos assuntos referentes à sexualidade. Os pais estando cientes dos assuntos a serem trabalhados não terão pensamentos mal-intencionados sobre a escola. Para Furlani (2009) a constatação da mudança dos nomes (de educação para orientação) pode ter parecido uma saída para aquele otimista em manter o trabalho na escola a partir de um novo significado através das mudanças nas perspectivas teórica e metodológica do termo e da prática, significa abandonar o aspecto biologicista da educação sexual proporcionando caráter cultural e social.

Enquanto educadores/as utilizavam a expressão educação sexual em seus trabalhos, o GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual) que surgiu em 1986, no Estado de São Paulo. Publicou em 1994 o “guia de orientação sexual”. O grupo não só criou a expressão como ganhou forças no meio pedagógico, em políticas públicas, projetos municipais e federal, participação na elaboração dos PCNs. Segundo Furlani (2009) o termo educação sexual refere-se à educação adquirida pelo indivíduo desde seu nascimento, começando na família, sociedade, religião, mídias, educação. Educação essa contínua e confusa decorrente dos processos culturais que envolvem a obtenção de normas regras e valores sobre o sexo.

A orientação sexual refere-se ao trabalho caracterizado por planejamento, organizado, sistematizado, estabelecido por tempo e objetivo que limita-se, efetivado por um profissional especializado. Tem como objetivo oferecer a informação, debater e refletir sobre assuntos relacionados à sexualidade com os indivíduos, conhecer o seu corpo, entender sentimentos, medos e angústias, informado de sua própria sexualidade. Baseando-se em pensar nos estudos pautados no desejo do outro ou entre corpos, com essa ênfase no respeito às diferenças e a igualdade de direitos que aflige um público que tem todo um contexto já

evidenciado, em um mundo onde os corpos são discriminados sobre o que são e o que podem tornar-se. Diferentes preceitos são criados para que possa refletir sobre gênero e sexualidade circula na sociedade. Para entender o currículo Silva (1995), citado por Ferreira diz que:

Esse falocentrismo do currículo tem implicações não apenas para a formação da identidade feminina, como também é evidente para a produção da identidade masculina (...). Um currículo mais culminante organizado contribui, centralmente, para reproduzir e reforçar o domínio masculino sobre as mulheres. (FERREIRA, 2015, p. 45).

Segundo Ferreira (2015) os currículos, materiais didáticos e as diversas linguagens que tramitam dentro e fora da escola são constituídos de maneira diferente. O currículo toma forma e discursos, é relação de poder e torna em seu contexto diversas formas de exclusão que ali consiste. É fundamental que haja o discurso em relação a esse assunto, a educação não pode ser amordaçada e discriminatório. Os conceitos de gênero e sexualidade no âmbito escolar, e seus conflitos debatidos dentro de preceito e a busca por uma boa formação sobre os assuntos que estão sempre em construção e evidencia, com conceitos que a sociedade impõe e que acredita que gênero e sexualidade são e tem o mesmo significado, cada um tem seu conceito e sua característica que interligam um ao outro, mas que não são a mesma coisa ou que tenha o mesmo conceito e significado.

Trabalhar esse assunto de forma inovadora no ambiente em que consiste obter grande número de grupos, tendo culturas e valores totalmente relativos a outro, requer um trabalho minucioso. A escola sendo um ambiente formador e que possui o envolvimento com o social, exemplificando certos valores de alguma forma tanto de negação ou de certos assuntos, como de privar envolvimento de corpos assexuados. Para Louro, a instituição escolar possibilita:

Diferenças, distinções, desigualdade... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos-tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenadamente, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LAURO, 1997, p. 57).

A todo momento estamos em reconstrução e que os corpos estão em destaque e os gêneros se constituindo. Não é de agora que essa discussão toma vez, muitas pessoas envolvidas nesse progresso de levar a todos outra visão cultural e social em pleno o século XXI, na era digital onde as informações estão a um clique. A falta de clareza sobre a sexualidade no âmbito escolar são desafiadoras e frequentes, onde as separações e as diversidades dos sujeitos retratam essa separação dos indivíduos menores e maiores dos fortes

e dos fracos das meninas e dos meninos dos ricos e dos pobres entre raça e outros. A escola é um dos ambientes para se trabalhar e conceituar essas e várias indagações dos sujeitos e suas identidades são onde possibilita a separação e limitação entre corpos. Segundo Furlani (2009, apud LOURO, 1999, p. 39):

A presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”.

É indispensável à discussão no âmbito escolar sobre a sexualidade dos indivíduos que expõe participação por meio de questionamentos, tendo ou não uma disciplina que gera a discussão do tema, os envolvidos já convivem com sua sexualidade escancarada. Então, trazer o assunto para a discussão e apropriação devida pela a escola é primordial, visto que muitas famílias e profissionais buscam silenciar sobre o como trabalhar com o suporte adequado para internalizar, como debater esse assunto que gera tanta polêmica pela falta de conhecimento de profissionais da educação.

Figueiró (2009) vem trazer as seguintes contribuições e indagações que norteiam o assunto em pontos de vista de famílias conservadoras e aqueles que descrevem a importância do trabalho da escola para desenvolver o tema. Qual seria o papel do professor que se dispõe a falar sobre sexualidade no espaço da escola? Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes do que eles passam para os filhos, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento.

Pode ocorrer o inverso, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual e temem que profissionais da educação e conservadores venham lhes vincular ideias errôneas. Teriam direito, a instituição, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado? Certamente que não, cabe a eles criar oportunidades várias, de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, pois muitos professores não buscam formação adequada para debater e repassar as crianças o que é tido como verdade, para descrever e esclarecer, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros.

Cabe também ao professor, fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade. Conclui-se essa seção procurando mostrar, que segundo os estudiosos e pesquisadores sobre a temática, o currículo é o ponto fundamental para poder instituir na escola a discussão sobre gênero e sexualidade.

3 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Alguns anos vêm se discutindo na educação a questão de gênero e sexualidade em vários países, no entanto, muitas discussões de cunho conservador classificavam essas discussões, litando-se a relacionar gênero e sexualidade com sexo. E discussão sobre gênero e sexualidade é um feixe de possibilidades que vindo para o âmbito da escola possibilitará melhor aprofundamento, e por sua vez, melhores esclarecimentos, por isso esta seção tem como finalidade apresentar os fundamentos metodológicos da pesquisa. Os estudos abordados por essa temática são, no entanto muito superficial e que não poderia se resumir apenas a um estudo, e sim, compreender a criança como sujeito social, histórico e cultural, que vai se constituindo nas práticas sociais formais e não formais, forjando a sua subjetividade em decorrência daquilo que vivencia, aprende e experimenta.

Desenvolver e aprofundar as pesquisas para que se desconstrua a história social de que as crianças já nascem com suas respectivas funções biológicas e que essas funções também sustentariam determinados comportamentos socioculturais. Faz-se necessário investigar a dimensão de que os comportamentos, as atitudes, os modos de viver e agir no meio sociocultural decorre de processos de aprendizagem no seio da sociedade. Então, a escola, como um dos principais *locus* de formação da subjetividade, da individualidade, da identidade da criança precisa ser investigada em suas formas de como vem contribuindo para a formação à diversidade, à diferença, à singularidade.

Para SCOTT (1989) as dificuldades encontradas em dirigir concepções teóricas preexistentes que não utilizam a passarem a utilizar nas escolas para certo campo de definição, e desconstruir essas teorias existentes em que persiste a desigualdade entre os sujeitos, forjando determinadas individualidades historicamente consolidadas. Devido diversos movimentos ocorridos no mundo contemporâneo, estão relacionados linguística e politicamente em diversas lutas direcionadas contra a opressão de uma educação que privilegia o padrão normativo e hegemônico de sexualidade.

Assim, a questão da sexualidade não é apenas em lutas e movimentos que as feministas aparecem, mas em revistas, livros e jornais ganhando credibilidade e tomando vez no mundo acadêmico, isso é uma questão de resgate ou da luta pela implementação política e didática de uma formação integral da criança de forma que a mesma se compreenda como sujeito histórico, social, cultural, pertencente a uma diversidade. Tais mudanças ocorriam em

diversos campos que constitui o lugar social da compreensão da sexualidade que estudos trariam pretensões de mudança. Se para algumas teorias marxistas serão de uma necessidade fundamental, por outro lado para a psicanálise será mais produtivas.

Para Louro (1997), não há como negar que as determinadas subjetividades são constituídas sobre corpos sexuados, mas que biologicamente constituído caracteristicamente com punho social e cultural também. Como sempre volta na discussão o campo social, pois bem, nele tem que se trabalhar dando uma ênfase as relações que se dar entre os sujeitos e em cima desse conceito social que busca relacionar e construir a temática no âmbito social. Devido diversas buscas incansáveis com discussões polemicas por todos os países, chega ao Brasil no final dos anos 80 a oficialização para a utilização do termo gênero. Entender os sujeitos que não são fixos e estão em meio às transformações, é importante a percepção que alguns estudos abordam a questão de sexualidade.

Trabalhar e conceituar sexualidade, numa abordagem formativa integral, não apenas no intuito social, mas pessoal de atingir as identidades sexuais, étnicas de raça, de classe. Ainda que sexualidade, como categoria analítica, passe a ser utilizado tanto em maior quanto em menor frequência a vários paradigmas teóricos. Esse marco teórico que se posicionam de maneira crítica aos sistemas explicativos globais da sociedade, apontando limitações nas organizações a um poder central e unificado que rege o todo social. Para MOREIRA (2003), a cultura tem grande importância no mundo contemporâneo e enfatizado por autores de diferentes tendências. No meio crítico a cultura ganha cada vez mais um papel no meio social, posicionado como tudo que chega vira cultura, não se afastando das interações da vida cotidiano de que toda a prática social tem uma dimensão cultural.

No campo educacional segundo MOREIRA (2003), as dificuldades tremendas encontradas por docentes sobre encontrar a cultura como eixo central do processo pedagógico, os extensos questionários feitos pelos docentes sem respostas sobre a prática, questionamentos que refletem cultura, escola, ensino e aprendizagem, evidenciando os desafios que se encontram em uma sala de aula. No momento em que expressam essas dificuldades e dúvidas, significativas experiências têm se constado quanto no âmbito tanto em outros espaços de educação não formal. O mesmo autor ainda enfatiza que para construir uma estrutura programática não é uma tarefa fácil e dispõe do docente uma mudança, com nova postura, saberes, objetivos, conteúdos, estratégia e novas formas de avaliação.

Os docentes terão que desempenhar e reformular essa estrutura e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos. Certas mudanças não são bem vistas por outros docentes nem compreendidas, desejáveis e viáveis por eles. Em

muitos casos a precária situação, ausência de recursos e apoio, até a formação do docente não ser devida e imprópria, fortes preocupações com a cultura e a pluralidade cultural presentes em muitas propostas e projeto no cotidiano escolar. Como diz MOREIRA (2003), a escola é uma instituição cultural, que sem dúvidas não podem ser percebida como indiferentes, e sim, entrelaçados e articulados, a escola é uma instituição construída historicamente para desenvolver uma função social fundamental, é esse modelo cultural que emprega saberes, valores, práticas, entre outros que descreve a igualdade sobre educação e escola.

3.1 Procedimentos Metodológicos

O estudo sobre diferentes métodos e abordagens científica, proporcionam a pesquisa analisar as diversas teorias que dão suporte as metodologias de pesquisa, fazendo com o que a mais adequada possa ser a escolhida. FISCHER (2003) demonstra que não precisa de muito para desenvolver uma boa prática de pesquisa; basta apenas utilizar e desenvolver uma pesquisa sobre certo problema e com as informações que se produz. O trabalho do pesquisador não é ir à busca das origens, ou do começo de onde tudo se iniciou, e sim, marcar sua sucessiva transformação e evolução; dados como local e data não são partidas de pesquisa nem definições, mas meio de produzir um discurso.

Existem diversos tipos de pesquisas, no qual selecionamos a qualitativa que é a mais se enquadra dentro dessa proposta. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é descrita como abordagem a ser interpretada, pesquisadores buscam entender o meio a partir dos cenários naturais, ao abranger as características da pesquisa qualitativa o fator principal é o ambiente natural a ser destacado por ser fonte direta de dados e o pesquisador instrumento principal com evidencia nos dados coletados. Nesse proposito a pesquisa qualitativa evidencia e preza pela descrição dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Partindo desse pressuposto utilizamos de LÜDKE E ANDRÉ (2015), para usar do estudo etnográfico, que é uma abordagem utilizada por antropólogos e sociólogos. No início da década de 1970, os pesquisadores da área da educação passaram a usar essa técnica, o que originou uma nova linha de pesquisa etnográfica; não se pode denominar essa pesquisa apenas porque tem observação participante, já que a etnografia tem sua particularidade; a pesquisa etnográfica é um sistema de significados culturais de determinados grupos. Os objetivos das etnografias são a identificação e os registros dos sujeitos sociais, tendo em vista os conflitos entre excluídos e intelectuais nas políticas públicas de governo voltado para as minorias.

Para a Senna (2011) foi nos séculos XIX e XX que intensificou a necessidade de que as ciências e as humanidades exigissem seus próprios códigos epistemológicos, sugerindo que cada ciência tenha como ponto de partida a etnografia, que permanecia de uma reflexão interna nos modos e às práticas de pesquisas, assim como às dinâmicas sociais e políticas, ou partindo de exercícios de interação do sujeito de objeto de pesquisa subjacente, às pessoas investigadas. Esses sujeitos e práticas de pesquisa resultam em práticas etnográficas.

Para desenvolver minha pesquisa selecionei a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria Antônia de Paiva, situada no município de Acará na Travessa Luiz Miranda nº 629 no bairro do Cacoal, tem como mantedora a Secretaria Municipal de Educação - SEMED, atualmente atende um total de 442 alunos da zona urbana e rural que são distribuídos nos três turnos (manhã, tarde e noite) e um total de 62 funcionários, sendo que o corpo docente é formado por 27 professores, sendo 01 professora cuidadora, 02 coordenadoras pedagógicas, 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 secretaria e serviço de apoio.

A escola trabalha em parceria com o conselho escolar, e com projetos geridos pelo Fundo Nacional do Desenvolvimento da educação - FNDE, como Mais Alfabetização que foi criado pela Portaria 142/2018 e, norteado pela Resolução nº 7, de 22 de março de 2018. É voltado exclusivamente para o apoio aos professores que atuam no 1º e 2º anos do ensino fundamental, que pode contar com o apoio as ações em sala de aula um assistente de alfabetização para auxiliar nas ações de desenvolvimento da linguagem e escritas os educandos, também há o Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e gerenciado pela Resolução do FNDE nº 17/2017, é uma Estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, potencializando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

As entrevistas foram realizadas com três profissionais que farei uso de nomes fictícios atuantes da respectiva escola e seus cargos; a gestora Maria Vilela, a professora Ariana Vitória e o professor Arnaldo Passarinho, ambos atuantes na sala da educação infantil. A pesquisa faz uso da entrevista semiestruturada, aquela que para Dutra (2009):

[...] é um tipo de entrevista que tem sido muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais devido, principalmente, à sua flexibilidade. Diferentemente do tipo de entrevista estruturada, que parte de um roteiro fixo, rígido e hierarquizado de questões que são respondidas passo a passo, a semi-estruturada possibilita uma interação mais informal entre entrevistado e entrevistador (p.166 apud LOCKMAM pg.48).

Este tipo de entrevista faz uso de questionamentos que se desenrola a partir do contado com o entrevistado podendo ter necessária adaptação por parte do entrevistador, ao contrário da entrevista estruturada que segue um roteiro sem modificações. Onde direcionei as seguintes perguntas para a gestora Maria Vilela que é pedagoga efetivo-concursada e já atua na educação há aproximadamente 15 anos na rede pública municipal e há 8 anos exerce a função de gestora da referida escola.

Ariana Vitória é pedagoga, com aproximadamente 34 anos como professora atuante e iniciou com a educação infantil no ano vigente. E o professor Arnaldo Passarinho com as seguintes formações pedagogia UFPA e teologia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA, com 4 anos de atuação em sala de aula em outra instituição de ensino nos anos iniciais do ensino fundamental e 1 ano lotado na escola professora Maria Antônia de Paiva na Educação infantil.

A fim de coletar o que se sabe acerca do tema abordado na escola referente aos alunos e a seus pais frente a essa abordagem foram proferidas as seguintes perguntas:

1. O que você entende por gênero e sexualidade?
2. Como se trabalha na escola a questão de gênero e sexualidade?
3. A escola faz alguma discussão com os docentes e pais?
4. Você concorda que a educação deve discutir gênero e sexualidade?
5. Quais as dificuldades em se trabalhar esse assunto?
6. No que a escola pode contribuir hoje com essas divergências do tema?

Após a análise e a contextualização das perguntas e respostas, apresentaremos as respostas de cada questão a fim de analisarmos e indagarmos mais, pois nossa proposta não é só apresentar, como buscar soluções e para isso é preciso indagar, criticar a fim de termos uma melhoria do que diz respeito à educação de qualidade. Seguindo adiante passamos por um processo de observação, no qual para a pesquisa os sujeitos da observação participante são os professores e crianças da educação infantil. Para tanto observei 20 crianças de 5 e 6 anos de idade, mas evidenciando 7 sete delas pelos seus comportamentos no ambiente escolar. Preservando essas crianças farei uso de nomes fictícios como: Daniel, Mário, Antônio, Dara, Luiz, Cristal e Marcela.

A observação participante requer estabelecer presença física no ambiente onde se busca obter respostas partilhando de todas as formas de qualquer atividade deixando os seguintes materiais: papel, caneta, celular, gravador, de lado no momento em que se pede

mais aproximação e diálogo com os universos investigativos, buscar interagir no ambiente mais íntimo para que se tenha êxito na pesquisa. A observação participante possibilita ao pesquisador um olhar sobre a organização que está tendo dentro e ao redor do espaço a ser investigado, mantendo-se a todo instante envolvido em jogos, brincadeiras, leituras abrangendo o pesquisador e pesquisado. De acordo com Whyte (2005), citado por Marques:

Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas por poucas horas de cada vez, pode manter sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não é tão complicado. Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada a sua pesquisa. (MARQUES, 2016, p. 271).

Ao decorrer o pesquisador envolve-se cada vez mais com a pesquisa que vivenciou durante o tempo de estudo, relatando todo o seu processo. O procedimento de ir a campo é crucial e decisivo para o amadurecimento das ideias a respeito da realidade estudada. É vivenciando que se percebe a realidade de certos padrões do grupo estudado. Para que haja a resposta que almeja é necessário na entrevista participante ter o contato direto e convívio para que deixe de ser um estranho e o entrevistado sinta-se à vontade. O entrevistador precisa perceber quando perguntar ou não ao entrevistado, pois se entende que as perguntas podem ser feitas de maneira minuciosa, haja vista que, dependendo da pergunta podemos ou não obter resposta.

Entende-se que o pesquisador é observador e a todo instante é observado, partindo das contribuições de Gil (2010), citado por Marques (2016) recomenda a organização de um banco de dados a partir de formatações padronizadas: data, hora e local da observação; impressões sensoriais; terminologias e linguagens específicas. A observação participante procura manter uma visão objetiva e compreensiva aos procedimentos, o pesquisador deve submeter-se em exercer o papel particular de participante e o papel prático de observador, posicionando-se a compreensão e explicação do comportamento humano. Por isso, a observação participante se deu no turno vespertino de 13h15min às 17h no período de 30 dias.

Para um melhor êxito na pesquisa de campo, levando em consideração que para a obtenção de dados serem mais proveitosas para o participante, muitas perguntas podem surgir ao decorrer do tempo destinado à pesquisa, é indicado muita cautela nessa interação com os registros desses dados em campo, para a análise ser satisfatória. É de suma importância desenvolver uma rotina de observação. Inspirado nos primeiros antropólogos que ao desenvolverem um estudo, sociedades longínquas, levavam o caderno para anotações de dados diários, contendo os levantamentos de registros de dados que dizem respeito dos grupos estudados.

Marques (2016), o que deve constituir e o que deve conter nesse diário de campo é escolha do pesquisador, que dependerá das problematizações da pesquisa de estudo. Mas que precisa conter na primeira página de cada conjunto de observações um cabeçalho que indique; as datas das observações os horários de início e término das observações, as categorias observadas, os locais (sala de aula, sala dos professores, pátio, biblioteca, laboratório). Todos os pontos que possibilitam um segmento de passos a serem perceptíveis para uma pesquisa enriquecida. A partir das contribuições de Falkembach (1997), citado por Marques:

Sugere que o diário de campo seja organizado em três partes, que citamos resumidamente: fenômenos sociais: interpretação dos fenômenos observados, dos conceitos e das relações; conclusões, questionamentos, dúvidas e imprevistos que aparecem desafios e aprofundamentos. Descrições sobre os sujeitos pesquisados a sua maneira de se comportar, as linguagens utilizadas como expressão sobre o ambiente físico; sobre como aconteceram determinados acontecimentos e atitudes. Reflexões sobre a própria metodologia utilizada, sobre conflitos éticos, sobre questões que surgem ao longo das observações. (MARQUES, 2016, p. 281).

O diário de campo contendo todas as informações possíveis do pesquisando, contendo todas essas informações, torna-se um documento de extremo valor ao pesquisador, contendo suas impressões diárias e pessoais da prática da pesquisa. A proposta da pesquisa de campo teve como meta de observar no mínimo três meses a escola selecionada, pois, acredita-se que menos que isso poderia não ser o suficiente, pois, quando os pesquisadores adentram em determinado local, os sujeitos das pesquisas tendem a mudar o seu comportamento durante um tempo, é necessário que se tenha um tempo para que os mesmos se acostumem com a presença do pesquisador a fim de que ele possa observar os sujeitos da pesquisa com a maior naturalidade possível.

3.2 Explicando o cotidiano do levantamento de dados: uma etnografia do dia a dia

A observação iniciou no dia 28 de maio e perdurou até o dia 20 de agosto de 2019 na escola acima citada no horário das 13h00min às 17h00min horas, intercalando os dias da semana para que as crianças ficassem a vontade com a presença de pessoa que não é do convívio deles, uma “estranha” em sala de aula. Estive na primeira semana observando o contexto da sala de aula, e presenciei que ela tem o tamanho adequado para uma turma de início com 18 alunos e que no decorrer a turma aumentou para 22 alunos sendo 12 meninos e 10 meninas.

A sala de aula tinha 2 ventiladores sendo que apenas um funciona, fazendo com que a tornasse quente por algum tempo. As laterais das salas de aula são feitas com tijolos com

furos dando para ver de dentro para fora e de fora para dentro, tem 2 quadros em cada lado da sala, sendo um de giz branco e outro magnético, a parede é cheia de trabalhos pendurados uns confeccionados pelos alunos e outros pelos professores. No cantinho da sala também tem 1 armário onde os professores guardam os materiais de uso dos alunos, 1 mesa com 1 cadeira para o professor(a). A saber, nessa turma são 2 professores lotados, ambos desempenhando a sua funções de regentes.

No dia 28 de maio a aula teve início às 13h25min, com a professora à frente da turma explicando sobre a presença da pesquisadora em sala e fazendo os seguintes questionamentos: O que almoçaram? Como foi em casa? Falem um pouco sobre vocês. Logo todas as crianças queriam falar ao mesmo tempo e não deu outra, o barulho e as gritarias tomaram conta. A professora então, usou um método de fazê-los ficarem quietos, que foi conferir até 3 e mandar cada um para o seu lugar que as atividades iriam começar. A atividade era sobre a família silábica do B, após a entrega das atividades, a professora formou grupos aleatórios para que todos os alunos fossem atendidos, já que na sala havia 2 professores e 2 dois residentes atuantes.

Nesse dia aconteceu algo um pouco inusitado porque a aluna Marcela fez um pedido para a professora, que a deixasse ficar com a professora nova para assistir aula. Ela responde “ela chegou hoje, tens que ficar com os outros colegas, ela veio primeiro conhecer vocês”. Marcela respondeu que não queria ficar com outra, queria ficar com a professora nova porque era a mais bonita, acabei ficando lhe dando atenção. A professora olhou e ficou sorridente, falou que nesses momentos temos que rir, pois as crianças muitas vezes falam e fazem coisas engraçadas o tempo todo.

Quase finalizando a aula, as crianças terminaram as atividades e começaram a brincar, pular, correr e gritar, todos juntos. Enquanto a professora recolhia os cadernos para escrever os nomes dos respectivos donos e os mesmos reescreverem embaixo. Uma fala do professor chamou-me atenção quando disse “aprendam a escrever porque quando for para o 1º ano saberem pelo menos escrever o nome de vocês”. Percebi nessa aula que as crianças quando querem brincar, conversar ou interagir umas com as outras, são impedidas pelos professores, pois fazem uma atividade atrás da outra conforme as crianças vão terminando para que não façam barulho e nem atrapalhem as turmas que estão ao lado. Nesse dia não teve recreio, pois iria ter reunião com os professores, encerrando as aulas às 16h.

No dia 29 de maio de 2019 as aulas iniciaram às 13h15min com 14 alunos em sala de aula. Logo deparei-me com a divisão de alunos e percebi que eles estavam mais agitados que no dia anterior, então a professora resolveu ficar com os meninos que eram os mais agitados,

já que o professor não dava conta de deixá-los quietos e fazem a atividade e o professor ficou com o grupo das meninas que eram as mais calmas. No decorrer da aula a professora teve que se ausentar da sala. O professor afastou as mesas e as crianças foram brincar, o grupo de meninos começou a brincar de estatua, foi quando uma das meninas se aproximou e pediu para brincar com eles, um dos meninos a impediu e eles continuaram a brincar.

Observamos que pelo fato da professora ter dividido a turma em grupos de meninos e meninas no início das atividades, ocasionou a divisão nas brincadeiras e até certas conversas em sala, a interação entre eles foi apenas entre os grupos pré-estabelecidos. Nestes casos o adulto tem forte influência na interação das crianças. Segundo FELIPE (2012, p.54), “os adultos é que costumam interditar as brincadeiras e brinquedos, gostos, gestos, comportamentos, determinando o que deve ser de menino (a), limitando assim as possibilidades e suas criatividade”. O despreparo do professor e da professora para compreender determinadas situações que estão sendo desenvolvidas em sala de aula implica em separações pré-estabelecidas por eles.

Quando a professora retornou trouxe impressa as atividades da família silábica do B, posteriormente deu-lhes outra atividade de ligar e formar frases, as ligações tinham que ser feitas pelos alunos dos respectivos grupos (meninos e meninas). Tivemos que ajudá-los, pois era uma atividade difícil para eles, com a nossa ajuda eles terminara a atividade rapidamente. Conforme terminavam a atividade, o professor pegava outras atividades avulsas que ele fazem em uma folha de papel A4, plastificada com melhor entusiasmo das crianças para fazerem, pois conforme forem terminando ou errando podem usar álcool para apagar, e uma caneta porosa para escrever. O professor tem diversas atividades feitas nesse formato, além de serem ótimas para o ensino aprendizagem para as crianças, o meio ambiente agradece, pois não são descartáveis, e sim reutilizáveis.

Na hora do recreio foi uma pessoa da cozinha avisar que os professores podiam mandar as crianças para merendar, pois a turma de educação infantil sai 15 minutos antes do horário do recreio para evitar que as crianças menores se machuquem devido o empurra dos alunos maiores. O espaço do refeitório onde é servida a merenda dispõe de uma área grande centralizada avista de todas as salas de aula e principalmente situada na entrada da escola, contem (2) duas mesas grandes com bancos de madeira nas laterais, porém poucas crianças sentam para fazerem seus lanches devido ao sol atingir essa parte, então eles buscam sentar nas calçadas em frente às salas. A escola foi construída em uma área com grandes relevos e um amplo barranco atrás da cozinha onde é feita e de onde é servida a merenda, dela várias crianças correm e rolam por esse local que eles denominam de “buraco grande”. O recreio

para as crianças é um momento que além de pegarem a merenda elas também interagem umas com as outras.

O comportamento de cada uma, suas características, seu envolvimento, as conversas, brincadeiras e interação umas com as outras são de extrema importância e esse primeiro contato com pessoas que de alguma forma eram desconhecidas, tornam pessoas do convívio e expressam sua sexualidade. Quando voltaram para a sala de aula chegaram eufóricas e cheias de energia, pois o tempo lá fora não é suficiente para extravasarem suas energias, sendo que para as crianças é fundamental que se tenha e que sejam efetuados jogos e brincadeiras, pois as crianças aprendem com mais facilidade, não um brincar por brincar sem valores. Para Castanheira e Paulino (2012), o brincar é uma atividade de grande importância e amplos significados no dia a dia infantil, mas isso nem sempre foi assim, visto que, por volta do século XVII, a criança comparada a pequenos adultos, misturava-se a estes em suas festas e brincadeiras que nada tinham a ver com processos de intervenção na educação e aprendizagem, condizendo apenas como forma e maneira de estreitar laços.

Muitos estudiosos defendem a educação baseada no brincar utilizando brinquedos e materiais didáticos para despertar os interesses da criança, até os dias atuais a infância vem se constituindo histórica e socialmente no desenvolvimento infantil. (CASTANHEIRA E PAULINO, 2012, P.277). São raras as vezes que os profissionais da educação infantil desenvolvem atividades lúdicas ou disponibilizam brinquedos ou fazem alguma brincadeira que estimulam o desenvolvimento. Percebemos que na escola esses momentos lúdicos são substituídos por atividades, às vezes insignificantes para as crianças. No retorno do intervalo, os professores procuram conter os alunos com mais atividades, dando continuidade as que estavam sendo trabalhadas. E assim aconteceu até o horário dos pais chegarem para buscar as crianças apenas às 17h.

No dia 31 de maio de 2019 a aula deu início às 13h20min com apenas 12 alunos em sala. A professora explicou que esse é um dos dias que ela escolhe um livro de ilustração e um aluno para a partir do desenho contar uma história para os colegas. As crianças ficam gritando para serem escolhidas, até que a professora escolhe pela ordem da lista de chamada. A aluna escolhida fez as apresentações e os alunos a acompanham, nesse momento é evidente o respeito das crianças e a interação na hora da história e como elas gostam desse lado lúdico de imaginar e reproduzir.

Ao término desse momento a professora passou a contar para eles a história descrita no livro, e em seguida pediu para que as crianças pegassem os seus cadernos para colar a atividades. Tudo estava ocorrendo bem, foi quando o aluno Mário apareceu gritando na sala

dizendo que o Daniel estava apaixonado pela Cristal. Mary perguntou à Mário se ele sabia o que é estar apaixonado, ele respondeu que é o amor, o sentimento que dá a paixão, que é o que ele sente pela Cristal.

O professor perguntou de onde ele tirou isso, a criança relatou que ouviu em algum lugar, mas não quis dar detalhes. A professora relatou que foi depois da palestra dada pela psicóloga da Assistência Social que eles ficaram muito curiosos. Indaguei sobre o que eles abordaram com a turma e como abordaram? Ela relatou que o assunto abordado foi o cuidado com o corpo e foi passado um vídeo, que mostrava o corpo da menina e do menino. Para compreender a esse respeito Filha destaca que:

O que temos visto nos últimos anos é que há um temor em se discutir sobre sexualidade com crianças nas escolas e instituições de educação infantil. Um dos motivos destacados por muitas professoras é o medo de serem mal interpretadas pelas famílias das crianças. Talvez por isso qualquer assunto em torno de expressões de sexualidade das crianças na escola sejam comumente visibilizadas e compartilhadas com os familiares. (FILHA, 2012, p. 21).

Para a autora, os professores convivem com esse medo em suas rotinas, pois a escola delega aos familiares certa vigilância, assim como as crianças são vigiados os profissionais também. Tentei buscar mais com o aluno, mas a professora o repreendeu dizendo para parar com essa conversa. Então entendi que teria que prestar bem atenção para que não atrapalhasse e nem prejudicasse a pesquisa, pois o que busco é esse entendimento e a relação das crianças, partindo do que a criança já sabe e internaliza como verdade. Fiquei na sala até às 16h, após o último aluno ter saído.

No dia 04 de junho de 2019, foi mais um dos dias mais reveladores onde as crianças falavam mais e interagem mais ainda. A aula começou foi sobre o meio ambiente; a seleção do lixo por cores das lixeiras. Tudo aconteceu quando o professor pediu para que as crianças cantassem a musiquinha como de praxe para fixar o alfabeto, mas percebo é apenas de decorar, pois ao perguntar para as crianças às letras do alfabeto de trás para frente, ainda têm a dúvida ou não sabem. Em seguida chegou a hora do recreio e os alunos foram liberados para a merenda, sem correria e seguindo um atrás do outro para pegar a tão esperada merenda. Após terminarem a merenda as crianças foram brincavam e conversavam um pouco sobre tema de aniversários e do que gostavam. De acordo com Frison:

A sexualidade desenvolve-se através de relações interpessoais: no jogo organizado pelo o professor, na escuta de histórias infantis escolhidas e contadas para as crianças, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras realizadas nos diferentes cantinhos ou sala ambientes. Nos grupos e nas brincadeiras entre colegas. Surgem questões ligadas à sexualidade. (FRISON, 2008, p. 6).

A autora reforça que as crianças desenvolvem suas sexualidades de várias maneiras e lugares, cabe aos profissionais da educação perceber e aproveitar esse momento. Os professores dessa vez ficaram no refeitório observando as crianças e não na secretária como nos outros dias. Não sei se foi à presença dos residentes¹ ou a minha que mudou o comportamento e a rotina da escola. No segundo momento voltaram para fazer a atividade que a professora havia proposto no início que foi referente ao lixo. Uma atividade que contém animais, crianças brincando e lixo, para elas aprenderem os números e a quantidade. Em seguida foram feitas atividades com quebra cabeça, onde as crianças confeccionaram diversos materiais como jogos de montar e de encaixe. Fizeram pinturas, depois cortaram e coloquei os números em ordem para que não perdessem e nesse momento pude ajudar na confecção.

Nos primeiros dias minha tarefa era observar o ambiente e o jeito de cada criança, até se familiarizarem com a presença de outra pessoa. A partir desse momento passei a interagir com a turma junto aos professores. Nessa interação com elas, percebi que uma delas com o codinome de Daniel que batia muito nas crianças e notei que era aleatório que ele as escolhia, sem que fizesse algo nenhum a ele. Os professores chamavam a atenção, mas era só por um instante e novamente ele escolhia outra criança para bater e isso se repetia por várias vezes.

Quando estamos observando, ele fazia carinho e quando nos distraímos ele batia nas crianças, quando não choravam reclamam bastante. Observando o perfil dele, fui logo conquistando sua confiança e tirando brincadeira com ele para fortalecer o laço. Perguntei aos professores a respeito de sua família e se sua conduta em sala era sempre daquele jeito. Os mesmos informaram-me que ele sempre bate nas crianças e que já chamaram sua mãe na escola para conversar a respeito de seu comportamento, ela alega que ele age assim por que batem nele, mas os professores disseram que não, devido o cuidado com todas as crianças e suas responsabilidades. Fui conversar com a criança fiz as seguintes perguntas. Por que você bate tanto nos colegas? Ele respondeu que é porque eles me batem.

Naquele momento percebi que era foi o Daniel que tinha batido no coleguinha, perguntei-lhe se apanhava em sua casa e ele respondeu-me que apanha de seu pai e sua minha mãe e que doía muito! Fiquei penalizada e percebi que devido o menino apanhar e sentir dores é que ele bate nos seus colegas. Após, carinhosamente Daniel olhou bem em meus olhos, pegou com as duas mãos em meu rosto e começou a rir. As brincadeiras do menino

¹ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

eram quase sempre de socos e chutes, é uma criança bastante inteligente, faz seu trabalho sozinho, conhece as letras e os números, mas não sabe brincar com os outros colegas. Não tem um motivo específico para bater, já que escolhe as crianças aleatoriamente. É nítido que ele só reproduz aquilo que recebe em casa.

Sentir necessidade de conversar sobre o assunto com os professores, eles levaram para a mãe e por sua vez disse, não ser verdade o que o filho relatou, já que são evangélicos não acredita ter esse comportamento. Com tudo, a criança veio acompanhada pela mãe, mas seu comportamento não mudou em relação aos colegas, continua os machucando quando a mãe foi embora. Não tive conhecimento se os professores levaram o caso para a direção da escola. Nesse dia as crianças ficaram até 16h45min.

No dia 05 de junho de 2019 iniciou a aula às 13h25min com 19 alunos em sala. A professora recebeu os alunos e em seguida saiu da sala ficando como responsáveis o professor e eu, as crianças esperavam seus pais irem embora para correr e pular. Uns meninos montaram seus grupinhos e foram para debaixo de uma cortina feita de Tecido Não Tecido - TNT, o Antônio gritou “aqui não é permitido meninas, nada de meninas”. Na sala as crianças fizeram a separação de gênero meninas no centro da sala e meninos nas laterais. Nesse contexto fica nítido a separação entre as crianças e sem perceber os professores também fazem essa distinção. Para eles essa é a melhor maneira que acham para que elas fiquem quietas, fazem isso sem se dar conta que estão fazendo essa separação.

E, ainda, o professor dá o celular dele, neles contém jogos educativos para entreter as crianças que estão correndo. Ele tenta ensiná-las por meio de jogos, além de acertar as letras e as cores, quem for acertando passa o celular para o colega e assim sucessivamente. Após isso o professor liberou as crianças para tomarem água, pois a sala estava muito quente. Retornando para a sala a professora volta e cola uma atividade no caderno de cada aluno para fazerem em casa e os libera, porque o bairro onde se encontra a escola estava sem água e não teria como fazer a merenda, saída se deu às 15h30min.

No dia 11 de junho de 2019, a aula começou às 13h30min com 21 alunos, sendo 11 meninas e 10 meninos, devido à ausência da professora, o professor cumprimentou a turma e em seguida separou 4 meninos e passou uma atividade diferenciada para eles. Deu-lhes uma folha de papel contendo as vogais e as consoantes para que os mesmos reescrevessem abaixo. Enquanto que os demais alunos que já sabiam escrever fizeram a mesma atividade, mas copiando do quadro. Na hora do recreio fiquei sentada em uma cadeira observando a interação de todos, os meninos chamaram as meninas para correr, brincar de “pega pega” e foi a diversão deles que até esqueceram de merendar. Após o intervalo voltaram para a sala felizes

e suadas, o professor as chamou para sentarem no chão e faz um meio círculo, no quadro estava o alfabeto para seguirem os comandos e de fundo estava a música do A B C, todas as crianças seguiram cantaram corretamente até a hora de ir embora que se deu às 16h45min.

No dia 12 de junho de 2019 iniciamos a aula às 13h20min com 18 alunos sendo 8 meninas e 10 meninos, foram feitas umas perguntas sobre a coleta e separação do lixo da semana para poder ser introduzido o assunto da reciclagem, mas agora trabalhando a matemática mais especificamente os números. Na primeira atividade fizemos com todas as crianças, selecionamos materiais que seriam descartados em cada recipiente e eles teriam que classificá-los conforme a cor da seleção do lixo e a quantidade que iria descartar. Após essa atividade os professores selecionaram os alunos que não conheciam os números, e deram uns palitos de picolé para que pudessem trabalhar com os números e quantidades. Peguei uma caneta e numerei o palito de 1 a 20, mostrando os números a cada um e conferindo para estimular a aprendizagem e não apenas a memorização. Fiz várias vezes o exercício e sem cansá-los, em seguida foram mostrar à professora os números que aprenderam.

No dia 18 de junho a porta da sala foi fechada às 13h20min com 19 alunos, sendo 10 meninas e 9 meninos. A aula foi para identificar a quantidade e numerais, com uma atividade no caderno para que as crianças cobrissem os números pontilhados. Logo a professora perguntou como tinha sido o fim de semana das crianças, se fizeram a oração em casa e quem teve um bom comportamento. Todas as crianças quiseram responder ao mesmo tempo, e foi aquela gritaria, pois ninguém entende nada. A professora pediu para que fossemos pregando as atividades nos cadernos dos alunos e eles fossem fazendo, quem fosse terminando ia até a mesa com ela para que pudesse fazer a correção e a mesma pedia para a criança escrever o seu nome no caderno de frequência, querendo saber quais alunos já sabiam escrever seu próprio nome. Enquanto isso os ajudava nas atividades, mostrando a figura dos números para facilitar para eles, até que perguntei para o Luiz qual o número que forma se juntar 1 com o 2 e me respondeu que forma namorados.

Respondi que formava doze e ele Luiz só fez rir. A professora pediu para que ele não falasse aquilo em sala, pois não é para criança. Terminando a 1ª atividade, passamos para a 2ª que era colorir os desenhos de acordo com os números que correspondessem ao número de frutas, notei que os meninos ao se distraírem demoram mais terminar as atividades e as meninas focavam mais para terminar com perfeição e irem conversar sobre dança e músicas. Na saída das crianças para o recreio, falei com a professora sobre as dificuldades de alguns alunos e durante a conversa ela preparava o material para mostrar aos pais sobre os trabalhos que elas desenvolvem na escola e seus avanços que vêm ocorrendo através de uns trabalhos

improvisados na véspera do dia dos pais. As aulas encerraram no recreio, pois os professores iriam preparar a escola para receber os responsáveis dos alunos que teria uma reunião na manhã dia seguinte. Por esse motivo a aula encerrou às 15h30min.

No dia 19 de junho de 2019 a aula começou com atraso e com os alunos quietos, pois havia uma criança que chorava com dor no ouvido. A professora o levou para a secretaria para que esperasse seu responsável, voltando para a sala ela as chamou, pois estavam preocupadas com o colega que estava sentido dor. Para descontrair a professora perguntou-lhes o que tinham feito antes de chegar à escola. Todas as crianças interagiram dizendo que tinham almoçado, assistido desenho, uns tinham ido à casa da avó e quase todos disseram que haviam brincado. Após essa conversa a professora pediu para pegarem o caderno das mochilas e os lápis e escreveu no quadro a data, o mês, o ano, nome dos professores para que pudessem aprender a tirar do quadro.

A professora foi à cadeira de cada criança observar se estava fazendo a tarefa direito, mas tinham crianças que sentia dificuldade e pediam nossa ajuda, pois não conseguiam fazer sozinhos, as meninas terminavam na frente e ficavam conversando. Teve um momento que todos começam a falar ao mesmo tempo e o assunto era sobre namorados. Uma aluna veio a minha direção e perguntou-me o que era namorado, nesse momento todos ficaram calados, foi quando Antônio disse responde que seu pai tinha uma namorada. A professora intrometer-se e perguntou-lhe se sabia o era namorada, ele respondeu que não sabia explicar, então ela disse para falar o que não sabia. Neste sentido, Felipe destaca que:

É preciso ter claro que as vivências infantis estão repletas de descoberta e, relação ao mundo, às pessoas, inclusive no campo da sexualidade, especialmente nesses tempos em que há um amplo acesso à informação, o que faz aumentar ainda mais as curiosidades infantis, em todos os campos. (FELIPE, p.49, 2012).

Para o autor, nesse período as crianças estão em fase de descobertas e falta de esclarecimento e discussão sobre seus questionários os deixa mais curioso. É notório que a criança expõe o que ouve e vive fora do ambiente escolar com a família e traz para ser discutido dentro da escola, portanto na medida em que o tempo passa as crianças adquirem capacidade de descobertas de outros significados.

Dando continuidade na aula, o professor faz perguntas sobre os números que os alunos já sabiam e as letras, deu uma caneta para quadro branco para que as crianças pudessem completar as atividades no quadro, a criança que fosse acertando ganhava um sachê de mel. Quando chegou a hora do recreio elas sentam-se no banco da mesa para esperar a merenda, nesse dia observei que todas as crianças pegavam o suco com bolacha doce e a

conversa fluía bem entre eles, pois o silêncio imperava naquele momento devido a ausência de duas turmas que o professor de educação física na quadra de outra escola, a escola estava em um silêncio, colaborando para a coleta desses dados.

Nesse momento as crianças conversaram sobre vários assuntos referentes ao seu cotidiano um disse que seu pai tinha uma namorada, outro disse que sua mãe estava grávida de um homem que não é seu pai, pois quando estavam juntos brigavam muito e ela foi embora e arrumou outro marido. As relataram que presenciavam seus pais se beijando com suas namoradas e que alguns adultos até chamam atenção por fazerem isso perto delas, no início ficaram um pouco envergonhados com a minha presença, depois começaram a rir, aproveitei para lhes fazer alguns questionamentos a respeito do assunto. No retorno para a sala ficaram meio intimidados achando que eu fosse comentar algo com os professores.

Retomando a aula, a professora percebeu que algo havia acontecido, pois eles estavam cochichando baixinho e rindo bastante, ninguém fala nada só fazem rir, passou uma atividade de colagem para eles, juntou todas as mesas fazendo uma só para que eles aprendessem a dividir e trabalhar em grupo, fazendo a interação entre eles. E todos participaram da atividade onde um ajudava o outro, isso aconteceu até a chegada dos pais e irmãos que foram buscá-los. Comentei com a professora sobre o que havia presenciado no recreio, ela riu e relatou que tudo o que criança ouve em casa e na rua é reproduzido por ela junto aos colegas. A maioria delas vem de pais separados e alguns convivem nas duas casas, outras crianças moram com outros familiares que são avós, tios, padrinhos e presenciavam muitas coisas indevidas. A escola é situada em bairro periférico onde circula drogas e prostituição e às vezes até são violentadas.

Dia 24 de junho de 2019 a aula iniciou às 13h20min, tinham 12 alunos, sendo 6 meninos e 6 meninas. A aula começou com o aluno Mário perguntou a professora se na quarta-feira tinha sido Dia dos namorados porque ele sabia que era verdade, alguém havia lhe falado. Ela deu um basta em sua conversa e mandou o aluno abrir o caderno e estudar, pois é nítido que a professora não traz uma resposta ou conversa com os alunos a respeito desse assunto. A falta de preparação para lidar com certos assuntos em sala é evidente, mas os dois professores não conversam ou tentavam explicar algo para os alunos. A professora sentou com cada criança e perguntou o que havia acontecido para o seu responsável não comparecer ao plantão pedagógico no dia anterior. A maior parte das deles não souberam responder, e outras disseram que era porque seus responsáveis estavam trabalhando.

Enquanto uns alunos faziam as atividades, outros corriam pela sala e gritavam, o professor pedia para que parassem e segurava pelo seus braços para que parassem de correr,

mas não conseguia entretê-las, a fala dele me chamou atenção ao dizer a uma criança que ela não era menino para agir daquele jeito menino para ficar correndo. Felipe (2012) chama atenção para os comportamentos atribuídos ao gênero masculino ou feminino são meras combinações sociais e culturais. Não passam de expectativas socialmente arquitetadas e que foram depositadas em torno de homem e mulher. As crianças pequenas brincam de qualquer coisa e com qualquer objeto que pareça interessante, sem fazer distinção para o que é brinquedo de menino e de menina.

A menina pedia gritando para que a soltasse, mas o professor segurou-a até a hora do recreio. Nesse dia não foi possível fazer a observação do recreio, pois fui convidada pela professora para ajudá-la na confecção dos brindes e organização dos trabalhos das crianças para a festa de encerramento, pois a organização seria de responsabilidade de cada professor.. As crianças voltaram para a sala e o professor passou uma atividade de pintura para elas, observamos que eles ficavam mais calmos com atividades de pintura, desenho, corte e colagem. Fizemos um semicírculo no chão com as crianças, abrimos as tintas e com os dedos trabalhamos a motricidade delas, pegamos os papéis que tinha um desenho de coração ao meio e pedimos para que pintassem. Ficaram bem à vontade e pintaram coração de várias cores. Os trabalhos ficaram lindos e cada aluno escreveu o seu nome no coração, depois de concluído foram pendurados para secar.

Devido a professora trabalhar pela manhã com um 2º Ano resolveu fazer a festa de encerramento na manhã do dia 25 de junho de 2019 às 07h20min. Observei que as crianças maiores tem uma brincadeira pesada em relação aos menores. Mas a interação entre as duas turmas foi muito boa, pois conversam sobre desenhos animados e cantam as músicas infantis. A atenção de todos foi para o menino Mário, uma criança muito esperta, tem facilidade de aprender e é muito questionador, estão sempre à frente dos demais colegas. Mas uma vez ele falou sobre namorada, agora com mais crianças sendo que de outra turma em meia a uma festa de encerramento. A professora rapidamente o repreendeu e pediu que encerrasse aquele assunto naquele momento. Então questionei a professora o porquê de não falar sobre o assunto com eles. Ela respondeu que seria porque os pais não aceitam que seja conversado sobre esses assuntos com seus filhos, pois chegam falando em casa fazendo comentários.

Inclusive já houve problemas na escola com uma professora que quis falar sobre o assunto (namoro), por esse motivo ela não trabalha mais nesta escola. Para a educadora precisa ter um jeito para tratar esse assunto porque de um lado está a criança relatando e do outro a professora ouvindo. Segundo seu relato a outra professora abordou o tema de um jeito e a criança chegou em casa falando de outro e os pais ficaram muito furiosos e vieram até à

escola pedir esclarecimentos que resultou na transferida da nossa colega. A família é um dos embates do assunto não ser problematizado na escola, pois são famílias religiosas, conservadoras e desestruturadas. Os professores são despreparados para fazerem essa abordagem com clareza e cunho teórico para que os responsáveis tenham conhecimento sobre sexualidade e gênero. Este foi o último dia letivo do primeiro semestre.

O retorno das férias se deu no dia 06 de agosto de 2019, às 13h30min iniciando a aula com apenas 14 alunos. O professor deu-lhes as boas vindas e logo iniciou as atividades escrevendo o alfabeto no quadro para que as crianças escrevessem no caderno, observou-se que foi mais para entretê-las, pois passar um alfabeto inteiro para quem ainda está aprendendo a escrever o nome é brincadeira. Para tentar ajudá-los, dividimos a turma em dois grandes grupos para que assim as crianças tivessem a mínima condição de fazer as atividades. Quando anunciaram a hora do intervalo e as crianças se soltaram, correram, pularam, ficaram eufóricas e quando tocou o sinal elas não queriam retornar para sala e, sim continuar fora da sala brincando, ainda continuavam no embalo das férias.

Observei que falta ludicidade dentro da sala de aula, pois só possuem esse momento apenas na hora do recreio, o professor também concorda comigo dizendo que se tivesse esse momento para as crianças poderiam tanto aprender quanto desenvolver habilidades. Muitas vezes elas cansam de copiar e reclamam que as atividades estão chatas que as mãos chegam a doer de tanto escrever. Já no dia 20 de agosto de 2019 iniciou às 13h20min com a presença de 18 crianças, a aula havia sido preparada no dia anterior e os professores seguiram o plano de aula do dia anterior. Fui apresentada a classe como professora, pois a professora da turma preferiu que as crianças assim me tratassem quando eu estivesse na sala de aula, segundo ela, seria melhor para que pudessem me respeitar e eu ganhar a confiança delas.

Nessa aula foram realizadas algumas indagações a respeito de como tinha sido manhã deles, o que haviam feito na aula passada referente ao Dia do folclore, quem já conhecia a letra S e que falassem algo que começasse com a essa letra que fazia referencia a lenda do folclore. Partindo do que as crianças responderam, elaborei 04 atividades digitadas para que as mesmas desenvolvessem em sala. As atividades foram realizadas com a participação e interação de todos, porém as crianças estão na fase da descoberta e curiosidade onde tudo torna atração, com essa percepção é importante ressaltar o papel da escola nesse momento de desenvolver trabalhos e criar projetos que busque promover e sanar suas dúvidas.

4 AS DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

4.1 Conhecendo a escola *lócus* da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria Antônia de Paiva que está situada no município de Acará na rua Luiz Miranda, número 629, com Travessa Ernesto Geisel, Bairro Cacoal, com o funcionamento nos períodos manhã, tarde e noite com o Educação de Jovens e Adultos - EJA, com o atendimento de aproximadamente 450 alunos, distribuídos nos três turnos de funcionamento do estabelecimento, contendo 09 salas de aula, 01 secretaria, 01 diretoria e coordenação pedagógica 01 sala de recurso multifuncional – Atendimento Educacional Especializado - AEE, 02 banheiros dos funcionários, 03 banheiros de alunos, 01 cozinha, 01 depósito de merenda, 01 laboratório de informática, 01 refeitório, 01 biblioteca, 01 depósito de materiais pedagógicos, tendo como unidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação - SEMED o que faz ser definida como uma escola de médio porte.

As entrevistas foram realizadas com três profissionais atuantes na escola nos seus respectivos cargos que farei uso de nomes fictícios. Como mencionado nos procedimentos metodológicos, à entrevista será semiestruturada e conta com 6 questões para análise, pois a entrevista para a pesquisa também se torna essencial, porque trás diferentes perspectivas enriquecendo-a ainda mais, concordamos com Duarte (2002) ao dizer que “ À medida que se colhem os depoimentos, vão sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação e, dependendo do volume e da qualidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso”.

No dia 18 de outubro de 2019, em uma quarta feira às 15h foi dado início as entrevistas com a gestora, um professor e uma professora da educação infantil, procuramos ouvir os pais e mães dos (as) alunos (as) para saber o que sabem sobre o tema, mas não obtivemos sucesso, uns falaram que estavam sem tempo e outros disseram que não poderiam nos ajudar. A entrevista contou com um roteiro de perguntas prontas, mas que no decorrer foram surgindo outras indagações do entrevistador para o entrevistado em um diário de campo com anotações do que foi sendo observado em sala de aula e uma caneta para ir descrevendo outras curiosidades que consistiram no decorrer, também foi utilizado um celular para gravar o áudio autorizado pelos entrevistados.

Houve uma breve apresentação entre o entrevistador e os entrevistados para destacar sobre o que se tratava a entrevista, indagando as perguntas para a gestora e depois para os professores nos seus respectivos horários marcados. A primeira entrevistada foi à gestora Maria Vilela, com graduação em pedagogia pela UEPA e pós-graduação em Educação Especial pela mesma instituição. Em seguida foi o professor Arnaldo Passarinho, com graduação em pedagogia e teologia pela UFPA. E por sequencia a professora Ariana Vilela que foi a última entrevistada do dia.

A escola pertence a um bairro de periferia, onde deparamos com situações de abusos de menores, prostituição, pais separados, consumo e vendas de drogas, assim como pobreza extrema. Muitas vezes os alunos vão à escola apenas para ter o alimento do dia, além disso, o bairro conta com uma grande influencia religiosa o que acaba dificultando certos diálogos dentro do ambiente escolar como é o caso da nossa temática de gênero e sexualidade. Por essas e outras implicações faremos as indagações afim, de obter informações sobre o ponto de vista dos respectivos profissionais.

4.2 As percepções dos profissionais

O posicionamento dos professores da educação infantil acerca da dinâmica da escola e de suas funções consiste no que estão ensinando para seus alunos, já que são os profissionais que atuam no ensino e aprendizagem nos primeiros anos da vida escolar, é de extrema importância saber o que e como esses profissionais lidam com temas que fogem de conteúdos como português e matemática em sala de aula.

Foi indagado aos educadores sobre os seus entendimentos sobre a temática de gênero e sexualidade, o que nos proporcionou respostas com diferentes focos.

Gestora Maria Vilela: Porque hoje o gênero e sexualidade, né. Pra mim é quase a mesma coisa, o que irá no caso acontecer é que a sexualidade humana pode e vai se transformar ao longo dos tempos. Porque a gente sabe que vem muito dos nossos pais, as pessoas mesmo entende de outra forma, mas ele está explícito para cada um de nós vermos com nossos próprios olhos, né. (2019).

Professor Arnaldo Passarinho: Eu entendo gênero, homem e mulher, pra mim é isso feminino e masculino. O que eu entendo é isso! Mas agora é lógico. Essa questão de. Como é que se diz essa questão que vem surgindo. Eu sou convicto, eu me baseio pela palavra de Deus, pela palavra de Deus eu não vejo um terceiro gênero, você entendeu? (Grifo meu) E eu não vou me deixar levar por certas. Pra mim homem é homem e mulher é mulher. Mas eu creio sim, que tem pessoas que tem uma tendência assim. Por exemplo menino transgênero. Eu não tenho uma palavra e eu não gosto de falar, como é que eu posso dizer. Mas assim como acontece no mundo natural, mas não é normal você esta entendendo? Acontece no mundo natural do animal nascer assim, com uma dificuldade, né. Por exemplo

assim, tem jabuti que nasce com duas cabeças, mas pra mim no mundo natural não é normal, mas nasci. Assim no nosso mundo quando se trata de gênero vejo que também acontece, uma criança nascer com tendência para o lado feminino e ter toda as características masculinas, então o pouco conhecimento que eu tenho é esse sobre gênero, mas não vejo como normal. Eu entendo que acontece esse outro lado e respeito logico (...).

Professora Ariana vitória: Esse assunto na educação tem que se fazer uma relação, saber como conversar sobre sexo com as crianças na educação infantil, trabalhar esse gênero é muito complicado na educação infantil. Porque? Por causa dos pais, nós tentamos na educação infantil trabalhar esse gênero e não deu certo. Porque muitas crianças, não. Eu acho assim que pelo o que eles estão assistindo hoje e pelo o que eles estão vendo em casa, eles já estão levando para o outro lado sabe, então para nós na escola é um pouco complicado de trabalhar esse gênero por conta dessa barreira que nós encontramos, com a família por conta que a família não é acostumada a conversar sobre isso com as crianças desde pequenos. Então eles acham que o professor também na escola não pode, eles acham que o professor ele não deve falar esse tipo de assunto com as crianças, inclusive sobre sexo. Por que eles acham que é uma coisa muito avançado para as crianças.

Percebe-se que a gestora faz uma pequena comparação entre os termos gênero e sexualidade, alegando ser quase a mesma coisa, mas faz um equívoco ao destacar que a sexualidade é que se transforma. É claro que a sexualidade teve mudanças com o passar do tempo assim como gênero. Ferrari (2012) salienta que gênero se constitui a partir de cada sociedade e tempo histórico o que difere do campo biológico que consiste no masculino e feminino, mas chama atenção no meio cultural onde cada sociedade e lugar têm seu posicionamento e meio cultural que difere umas das outras.

Já os dois professores, cada um mostrou uma percepção diferente. O professor ao demonstrar certa insegurança não respondeu de forma clara. Nota-se que a dificuldade dele em abordar esse tema é devido a sua convicção religiosa, devemos também ressaltar que a instituição em questão é laica, logo, mesmo respeitando sua religião é necessário que ele esteja minimamente informado sobre essas questões e não interferir e sim, manter-se de forma que desenvolva o ensino e aprendizagem conforme a instituição escolar percorre.

A professora por sua vez destaca a sexualidade como o mesmo de sexo e não é o mesmo conceito, já que a sexualidade não se limita aos órgãos genitais e ao ato sexual, mas que envolve o corpo inteiro desde o nascimento, com o primeiro contato de afeto com a mãe, fantasias, formas de sentir e tocar, a sexualidade perpassa pelos aspectos culturais, sociais e política. A professora relata o comportamento que as crianças trazem de casa e as poucas possibilidades, uma vez que a escola tem pela frente um embate com a família tradicional e religiosa sobre o assunto.

Quando indagados sobre como é trabalhado essa questão de gênero e sexualidade na escola e se tem programas voltadas para esse tema, obtivemos as seguintes respostas:

Gestora Maria Vilela: Nós estamos trabalhando é. Mais dentro dos projetos que estão sendo desenvolvidos na escola, né. A gente tenta sempre levar para esse lado trabalhar o projeto, juntos. Tem a participação da assistência social, que nós mandamos um documento solicitando para eles que possam vim fazer uma fala a respeito do assunto, pois aqui está aflorado, porque parece que eles estão mais soltos e os pais não estão nem aí para eles, então vamos começar a trabalhar. E os projetos são mais sobre a consciência negra e o bullying. (2019)

Professor Arnaldo Passarinho: Veja bem, nós estamos trabalhando com educação infantil a gente não bate direto nesse assunto, não tem, pelo menos até agora não tem um projeto montado direto para isso. Não tem um trabalho direto, nós trabalhamos tudo junto ali. Pelo menos aqui eu ainda não vi um projeto voltado direto para esse assunto na educação infantil.(2019)

Professora Ariana Vitória: Nós podemos trabalhar só que. É o que eu te digo tem aquela barreira os pais não aceitam por que é educação infantil são crianças de 5 e 6 anos, eles não aceitam ainda que seja trabalhado esse gênero na escola, então ainda existe a barreira, mas a escola fez o que; como nós conversamos com o pessoal as técnicas na escola, as técnicas pedagógicas o como se trabalhar isso na escola? Já que, os pais a maioria deles não aceitam, viu por que eles dizem que a criação deles foi uma, então nós escola nós queremos mudar, então o que nós conversamos com elas. De que maneira nós poderíamos trabalhar isso na escola? Sem que isso viesse afetar alguma criança ou um pai viesse a si ofender e ai nós demos uma sugestão de vim alguém um especialista na área. Por que nós podemos estudar, mas tem que todo aquele jeitinho de como se trabalhar esse assunto com as crianças na escola, devido serem crianças pequenas e ai a escola mandou um ofício para o pessoal da assistência social que veio de lá com a psicóloga e mais alguns orientadores de lá e fizeram o trabalho.

As três respostas são unânimes quando direcionados sobre os trabalhos realizados na escola em torno do tema e abordado dentro dos projetos executados na escola e que solicitam da assistência social para fazer essa socialização com as crianças, assuntos que não são direcionados ao tema específico, mas sim dentro de outros projetos, não havendo participação direta dos profissionais da escola na explanação do assunto, mas sim dos profissionais da assistência social. É evidente que o tema precisa ser exposto, pois as crianças retratam essa necessidade e preparação para os envolvidos da escola, pelo fato das crianças terem contato direto com TV, livros, redes sociais, família desestruturada, famílias conservadoras e a falta de conversa dentro do lar entre outros fatores.

A escola tem um papel fundamental no ensino aprendizagem dessas crianças e na interação da família ao informa-los sobre a necessidade e participação do que será trabalhado na escola com meios para idades específicas. As três respostas retratam a falta de conhecimentos em torno do tema gênero e sexualidade, por se tratar de tema em evidencia os profissionais da educação tendem a buscar essas informações em pesquisas para que atitudes expostas tornem-se hábitos e não apenas assuntos para palestra com profissionais externos à escola. Filha (2012) destaca que:

O estabelecimento de vínculo mediante práticas de comunicação instituição educativa-familiar se faz premente especialmente quando as crianças são pequenas. Nestes casos, é primordial que se estabeleçam diversas formas de comunicação, se possível diárias, para se aproximar das famílias. Estas ações precisam ser planejadas e pensadas não só pela professora, mas pelo coletivo de profissionais da instituição, de modo que se estabeleça uma rede de atenção aos familiares. (FILHA, 2012, p.06).

A autora nos esclarece que a participação da família para o contexto da instituição escolar é de suma importância no intuito de entender as expectativas em relação à escola. Para então compreender o significado que a escola tem na vida das crianças e para a família aparecendo aspectos importantes presentes.

Há compreensão sobre o posicionamento da escola a respeito de alguma discussão sobre o tema com os docentes e pais? Essa discussão é feita na hora pedagógica?

Gestora Maria vilela diz: Sim, sempre fazemos, entendeu. Eles são cientes é aquela questão que eu sempre falo, tem uns que aceitam e outros que não aceitam sempre essa distinção que a gente tenta mostrar de outra forma para eles, mas parece que é um bicho de sete cabeças isso. Sim, na hora pedagógica, tem a reunião que é por sala, cada professor faz a sua reunião com os pais, já colocando essas questões, falar né. Que a realidade sempre esta na sala com os professores. (2019).

Arnaldo Passarinho: Não, fizeram sobre. O que foi feito aqui na escola foi à uns dias ai atrás, foi feito sobre a violência nesse sentido de as crianças estarem mais alerta, teve uma caminhada uma programação voltada para isso aqui na escola. A programação foi feita primeiro com nós, professores. Mas falar mais específico mesmo, não teve apenas a prevenção da violência contra a criança, só isso aí que foi abordado. (2019).

Professora Ariana Vitória: É feito quando acontece algo com alguma criança, alguma criança foi abusada na turma ou alguma criança chegou com uma conversa nesse sentido, né. Então a gente, nós professores levamos lá com elas (técnicas pedagógicas) na sala e ai elas irão conversar com eles a respeito do que aconteceu, mas a gente fica presente lá, escutando o que elas estão orientando as crianças, tudo. Os pais são chamados e tem aquela conversa com os pais e chama uma pessoa da assistência como o psicólogo, para se ter essa conversa, então tem todo um processo. Nós não trabalhamos assim, na turma da educação infantil, nós ainda não trabalhamos foi só mesmo junto com eles. Assim só nós separadamente, não. (2019).

Maria Vilela afirma que na escola é feito esse momento, mas é evidente na resposta que esse momento de dialogo é feito pelos professores cada um na sua turma com os responsáveis dos alunos e não feita em reunião direcionada ao tema e sim, como uma das questões a ser abordada. As respostas reforçam não haver esclarecimento do tema específico por parte da escola para com os professores e responsáveis de alunos.

O que os professores fazem é acompanhar as crianças que sofreram algum tipo de abuso, mas ter um momento esclarecedor que possibilite aos profissionais adequados fazerem a abordagem e sanar dúvidas em torno de gênero e sexualidade que aparecem, e que não tem, muitos levantamentos errôneos e o silêncio encontram-se embutido acerca do tema. A escola

como um dos meios de socialização tem como possibilidade de desenvolver trabalhos pautados que direcionem formação específica para o atendimento de todos (as), muitos profissionais não obtiveram contato com essa temática e a busca por atualização é inegável, uma vez que se faz necessária a discussão dessa temática e sua importância dentro do âmbito onde se encontra crianças vulneráveis. Como destaca a autora Xavier Filha (2012):

Vários elementos estão presentes nas práticas pedagógicas de muitos adultos diante das expressões de sexualidade das crianças na instituição educativa. Ao delimitar os espaços e tempo para falar (ou não falar) sobre sexualidade, estratégias de disciplinamento dos corpos, seus desejos e prazeres, formas de comunicar, entre outras estratégias pensadas/adotadas, educam-se, desenvolvem-se formas de conduzir/educar a sexualidade. Ensinam-se a vergonha, a culpa e, nas relações de poder, produzem-se resistência a todas estas questões culturais. (XAVIER FILHA, 2012, p.24).

As práticas pedagógicas desenvolvidas na escola refletem sobre as falas dos profissionais da educação e norteado por discursos religiosos, das vivências das sexualidades dos pequenos, dos impedimentos e falta de informações sobre o assunto.

Ao questioná-los a respeito se a educação deve discutir sobre gênero e sexualidade?

Maria Vilela: Na verdade já era para ter discutido há muito tempo, só que é aquela questão a gente nunca tem apoio, eles nunca trazem uma formação, às vezes nós professores temos que está indo lá atrás, né. Para se capacitar para poder vim repassar para os nossos docentes que é um pouco complicado. (2019).

Arnaldo Passarinho: Assim, eu acho que a gente deve respeitar a idade que deve, deve sim, ser discutida a gente tem que ter um pouco de cautela, para não, não. Como é que se diz? Não ultrapassar o momento certo, você entendeu? Acho que cada um tem um momento certo para falar sobre isso. São assuntos delicados, não podemos criar tabus sobre isso aí, você entendeu? Mas, não é assunto simples, tem que ter modo, tem que ter maneiras em cima disso, tem que se ter cautela, para não se fazer besteiras. (2019).

Ariana Vitória: Com certeza, deve! Eu sempre batendo nessa tecla, de que nós devemos ter assim uma preparação melhor, assim para se trabalhar com crianças pequenas, porque nós podemos estar levando ali em uma sala de vídeo para estar explicando, tudo. Mas que tudo isso exige aquela preparação, né. Temos que ter uma formação melhor para isso. (2019).

Através das falas foi possível notar a importância de trazer a discussão do tema e formações para os profissionais que lidam diretamente com essas crianças, a tarefa não é fácil e é de extrema valia esse avanço para a escola por localizar-se no perímetro onde o índice de famílias desestruturadas e vulnerabilidade de estupros e alta constatação de drogas. As crianças permeiam por esse meio de perigo, não há projetos ou programas direcionados e implantados no sentido de tirar essas crianças desse convívio, a escola é o único espaço que essas elas têm para fugir e expressar-se.

Para os profissionais discutir o tema na educação é primordial na vida dessas crianças e trazer esse tema para ser trabalhada a fim de esclarecer tanto as elas como as famílias que frequentam a escola. O conhecimento sobre gênero e sexualidade e o cuidado para ser trabalhada com linguagens para diferentes faixas etárias e comportamentos, é o que esses profissionais indicam que seja. Para os três o profissional para trabalhar esse tema terá que tomar cuidado com esses pontos, uma vez, que essas crianças trazem de casa um conhecimento vasto de vida.

Ao questionar os entrevistados (as) para quais as dificuldades em se trabalhar esse assunto na escola. Os entrevistados responderam que:

Gestora Maria vilela: É aquela questão que eu digo. Alguns pais hoje, eles ouvem, mas não querem entender sobre o tema principalmente quando se fala em sexualidade, eu falo por mim como mãe, eu gosto de mostrar a realidade. Até porque estão bem aqui os nossos jovens. Eu observo muito os nossos adolescentes maior parte deles estão engravidando, principalmente as meninas. Os pais já acham que “vestir um sutiã já é gay e se a menina vestir uma bermuda comprida é sapatão” tem essa definição ainda, mas a gente sabe que não é correta, né. (2019)

Professor Arnaldo Passarinho: Eu não falo pela a escola, eu falo pela minha classe. Pois a escola quem tem que falar é a direção, né! Acho que é isso. Mas, é assim não estou dizendo que não deva ser trabalhado, estou dizendo assim, eu acho que a. Me desculpe eu só estou colocando meu modo de ver a faixa etária que trabalhamos é de 5 anos, né. Eu creio que uma criança dessas já entende muito, sim eu entendo disso, sim. Agora como eu digo a gente tem que ter um pouco de cautela para se trabalhar com isso vejo dessa forma.

Professora Ariana Vitória: É isso que te falei, a minha maior dificuldade são os pais, os assuntos também, é assunto muito íntimo para a criança, muitas crianças não querem falar sobre isso. Principalmente quando são abusadas, dificilmente elas querem falar sobre isso, elas querem mais esquecer. São difíceis e raros aquelas crianças que falam, a gente só observa por que pode ter 30 ou 40 crianças em uma turma, mas a gente conhece cada uma delas, e quando aparece algo diferente você já notou que alguma coisa esta acontecendo de errado. (2019).

As respostas da gestora, professora e professor apontam a real dificuldade do assunto ser exposto de forma sucinta na escola, as famílias por serem conservadores, religiosos e não falarem em casa com pais/mães sobre certos assuntos ou por não saberem de forma adequada, ou seja, o jeito e a forma que será abordado retratam o como é limitado e vazio o assunto na escola. As indagações apontam como impedimento e dificuldade em trabalhar o tema na escola por arrogância dos pais/mães.

Mas a falta de informação que a própria escola expõe demonstra e direciona a um ponto fraco, onde os pais não aceitam por falta de informação de não saber o que realmente a escola vai trabalhar, outro ponto é a falta de formação dos profissionais sobre o tema. Por inúmeras falas os profissionais reconhecem e concordam que deveria ter primeiro uma

formação para os profissionais, pois para repassarem algo para os pais a escola deverá estar preparada para discutir o assunto. A professora traz em sua fala um assunto sobre abusos que muitas escolas escondem e veem o sentido em ter esse assunto na escola e que não seja abordado de qualquer forma, pois muitas crianças sofrem abalos emocionais fortes que preferem esquecer e não tocar no assunto. A escola sabe da necessidade, porém ainda não fizeram nada para mudar.

Foi questionado aos profissionais no que a escola pode contribuir hoje com essa divergência dos temas?

Maria Vilela: A gente usa sempre uma linguagem para cada faixa etária, para que o aluno ele entenda e levando em consideração as religiões, a gente não pode também ultrapassar a questão, a gente tem sempre que ter esse cuidado de como falar, né. De como chamar atenção e de como colocar esse tema, a gente não vai poder passar por cima das religiões e respeitar cada uma. Essa é a nossa questão. (2019).

Professor Arnaldo Passarinho: Eu creio que ela deva fazer os projetos dela em cima disso, não tenho muita ideia do que a escola pode fazer para te ser sincero. Eu acredito que ela pode fazer alguma coisa aí para ajudar. Assim como fazem outros projetos e eles podem fazer um projeto em cima disso. Tá certo por que esse negócio. É como eu digo acho que esta tendo uma cobrança de vocês, com vocês lá como alunos. Os professores cobram de vocês e os órgãos maiores cobrando deles, você concorda comigo? Quem está cobrando de vocês não que eu queira ser melhor, eu sei que eles são profissionais, mas será que eles não estão cobrando uma coisa que. Porque o que é que eu quero falar. Porque que elegeram o Bolsonaro, você pode colocar isso aí! Por não se agradarem com a proposta do Lula sobre esse tema, esse tema foi um dos tópicos principais do Bolsonaro que disse que não aceitaria ir para a escola certas coisas. Você se lembra da revistinha?

Professora Aurora Vilela; Eu acredito, com formações, né! Nós precisamos muito dessas formações de como se trabalhar desde as criancinhas, pequenas de 4, 5 e 6 anos até o fundamental maior. Por que é um tema que agora se é muito discutido, mas infelizmente a gente vê que. Eu vejo que ainda não está assim, um tema muito abordado na escola é só algo assim fechado em uma sala, entendeu. Muitos casos que você fica até sem conhecer, tá acontecendo na escola e você trabalha nessa escola, tá ali nessa instituição, mas você desconhece o caso, para alguns é algo fechado. Acho que precisa ter uma formação, e que a gente precisa dessa formação para que possa trabalhar com nossas crianças, por que cada uma delas pode precisar e mesmo quando acontecer, assim na turma, como eu vou conversar com aquela criança, eu não tenho formação específica para aquilo, né. Então é tudo isso!(2019).

A gestora expõe as problemáticas a cerca do tema, e não responde com clareza como a escola pode contribuir com a discussão do tema. A escola tem muito a fazer sobre essa temática havendo que a necessidade em trabalhar esse assunto, não condiz como obstáculo apenas os pais e sim, todo o público alvo que constitui na informação e entendimento de forma errônea. Nessa perspectiva o tema pode ser aderido a um projeto bem elaborado para ser explanado e deliberado para um seguimento direto ao público da escola. E faz-se o levantamento acerca da conjuntura que demanda sobre gênero e sexualidade.

Os profissionais retratam a importância de trabalhar esse tema na escola, mas destaca a possibilidade de um profissional específico da área, mostrando-nos sua falta de conhecimento e busca do assunto. Dando enfoque ao papel que a família tem na educação para a criança e sua importância nesse processo. Como podemos perceber nas falas dos entrevistados a escola no Acará ainda está muito distante da discussão sobre gênero e sexualidade que possa, de fato, ajudar as crianças a construir uma identidade sexual. Os preceitos religiosos ainda são muito fortes na vida e nas práticas dos professores, o que leva a uma prática conservadora cheia de tabus quando se trata da sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reiteramos como conclusão desse trabalho a importância da formação dos professores que atuam junto às crianças da educação infantil e do ensino fundamental para as questões de gênero e sexualidade, pois assim os professores poderão, quem sabe, estar mais preparados e menos preconceituosos quando forem trabalhar a temática em sala de aula. Sabemos que a formação não é insuficiente, mas é necessária para que a escola possa condizer seu processo pedagógico educativo, fazendo a separação entre os preceitos religiosos (as crenças dos professores), assim como os saberes pedagógicos e formativos que devem ser ensinados na sala de aula.

A identidade de gênero e de sexualidade é de grande valia, considerando que a escola é uma das grandes fomentadoras de preconceitos: meninos jogariam futebol, meninas brincariam de “casinha”; meninos seriam líderes, meninas seriam lideradas; meninos seriam agressivos; meninas seriam cordatas e dóceis. Sabemos que a escola é uma entidade difusora de grandes ideologias e dogmas, principalmente envolvendo as religiões. Encontramos em nossa pesquisa professores que acreditam que o ponto de partida dos ensinamentos das questões de gênero e sexualidade da escola devem ser os preceitos religiosos. Essa postura nega o papel da escola como um espaço plural e diversificado. Os professores precisam entender que a escola não é seu espaço religioso provado.

Essa forma de entender as questões que tratam de gênero e de sexualidade na escola do município de Acará perpassa por forte influência da questão religiosa, como bem sabemos, ela prima pela tradição e pelo ideal de família. Compete a nós educadores questionarmos e problematizarmos o que foi instaurado como “natural” para que as crianças tenham a possibilidade de fazer a diferença na luta pela quebra dos diversos preconceitos que vemos todos os dias e que ainda não pudemos/conseguimos superar.

Nossa pesquisa quer ser um instrumento que possa contribuir com as escolas do ensino fundamental no município de Acará para que o currículo escolar inclua a discussão de gênero e sexualidade e possa formar os professores para conduzirem essa discussão sem preconceitos e dogmas religiosos, haja vista que, este é um assunto que está sendo vinculado no dia a dia dos educandos e como bem sabemos cai no esquecimento. Que possa despertar em cada educando o anseio para discutir este tema que tem caído no anonimato até mesmo por falta de interesse ou por medo de sofrer represália.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Cleiclele *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Rev. Econ. Sociol. Rural* vol.51 no.4 Brasília Oct./Dec. 2013 > Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007. Acesso em: 20/08/2019.

ALMEIDA, Ordália. Imagens da infância...realidade das crianças. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias.* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 241-258.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

CASTANHEIRA MARINA, *et al.* O brincar, os brinquedos e as brincadeiras na educação infantil: possibilidades para articular sexualidade e gênero. *In: RIBEIRO, Cláudia (org.). Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil.* Lavras: UFLA, 2012, p. 276-287.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: **reflexões sobre o trabalho de campo.** Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002.

DUTRA, Mara Rejane Osório. Pós-estruturalismo e pesquisa: algumas pistas para investigação em Educação Ambiental. *In: Revista Educação e Ambiente*, v.14, 2009.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *In. Pro-posições*, v. 18, maio/ago, 2007.

_____, Jane. Sexualidade na infância: dilemas da formação docente. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias.* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 47-58.

_____, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias.* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 217-226.

FERREIRA, Márcio Porciúndia. Currículo, gênero e sexualidade: questões indispensáveis à formação docente. **Margens- Revista interdisciplinar da divisão de pesquisa e pós-graduação.** Baixo Tocantins/UFPA, v. 8, n. 12 (Jun/2015).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Revista perspectiva**, n.02, v.21, jul/des. Florianópolis. 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: múltiplos temas e compromissos comuns.** Londrina: UEL, 2009.

FILHA, Constantina (org.). **Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.

_____, Constantina (org.). Educação para sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades/diferenças na educação das infâncias – questões a problematizar. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 17-34.

_____, Constantina (org.). Educação para as sexualidades, para a igualdade de gênero e para as diferenças/ diversidades: possibilidades pedagógicas. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 277-294.

_____, Constantina (org.). Famílias, famílias...representações e praticas educativas. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 313-334.

FURLANI, Jimena. Representações da Mulher e do Feminino na Mídia Impressa Brasileira: desconstruindo significados na educação sexual. *In: Sexualidade: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. – 216 p.*

FRISON, Lourdes. **Corpo, gênero e sexualidade na educação infantil**. 2008.

GUERRA, Judite. Identidade de gênero e sexual na infância. *In: FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gêneros e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 227-240.

JUNQUEIRA, Rogerio. **A educação frente à diferença/diversidade sexual**. Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista /Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Guaciara. Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade. *In: Sexualidade: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento das Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. – 216 p.*

LÜDKE, Menga, pesquisa em educação: abordagens qualitativas/Menga Lüdke, Marli E. D. A. André. [2.ed].-[Reimpr.].-Rio de janeiro: E.P.U.,2015.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra. Sexualidade, Prazeres e Vulnerabilidade: questões para a educação escolar. *In: Sexualidade: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento das Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. – 216 p.*

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa, Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista brasileira de educação**, n.23, v. maio/jun/ago. Rio de Janeiro. 2003.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisa pós-crítica em educação no Brasil: Esboço de um mapa. **Revista cadernos de pesquisa**, n.122, v.34, maio/ago, Porto Alegre. 2004.

PAULA, Maria; SCHINDHELM, Virginia. **Os temas gêneros e sexualidade na educação infantil**. Movimento revista de educação. Número 1, volume 1, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SWAIN, Tania. Os Limites do Corpo Sexuado: diversidade e representação social. *In: Sexualidade*: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento das Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. – 216 p.

SCHINDHELM, Virginia; EVANGELISTA, Marcia. **Sexualidade infantil gênero e uma educação contrapelo**. Revista Educação em Questão. Natal. V. 45, n. 31, p. 131-153, jan/abr. 2013.

XAVIER FILHA, Constantina. **Educação para as sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades na educação das infâncias**. In: _____ (Org.). Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

VORRABER, Marisa Costa. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, n.23, v. maio/jun./ago, Rio de Janeiro 2003.

WENETZ, Ileana. Questões de Gênero na Escola e no Recreio: articulações possíveis. *In: Sexualidade*: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. – 216 p.